



És ChAmado por Jesus

Apressa-te

Experimenta

Sê protagonista da mudança



PROGRAMA PASTORAL 2023-2026
**“Todos, Raizes
da Alegria”**
DIOCESE DE VISEU



PROGRAMA PASTORAL 2023-2026

**“Todos, Raízes
da Alegria”**

DIOCESE DE VISEU

ÉS (CH)AMADO POR JESUS, EXPERIMENTA...

O lema do nosso Ano Pastoral, centrado no ícone bíblico – “Formamos todos um só Corpo” (1Cor 12,12). “Vem e Vê” (Jo 1, 46), parte de um contexto marcado por um convite a sermos o “Corpo de Cristo”, Igreja viva, chamados a sentir a nossa vocação como Igreja, aprofundando o sentido de pertença e de comunhão para exprimirmos a alegria de sermos comunidades vivas e renovadas. O Ano da Oração convida-nos a abrir o coração ao “Projeto Pastoral 2024-2025, fazendo dele o nosso Vademecum de compromisso pastoral com a Igreja, de modo a vivermos na fé e na caridade a programação e celebração do Ano Santo Jubilar da Esperança em 2025.

O convite a sermos verdadeiros discípulos missionários de Jesus Cristo, fundamento e raiz da nossa fé, projeta a nossa esperança como profecia escatológica. Na Bula programática para Ano Jubilar 2025, o Papa Francisco parte da afirmação de São Paulo aos Romanos enfatizando: “A Esperança não engana” (Rom 5,5). Sejamos cristãos comprometidos e animados pela esperança ao serviço da Igreja e do mundo.

O Jubileu da Esperança que vamos viver em Igreja, com a consciência de sermos um “Corpo” chamado à comunhão, participação e missão”, precisa de ser muito acolhido, rezado, preparado, trabalhado, participado e vivido na alegria da esperança da Páscoa por todas comunidades da Diocese de Viseu. Conduzidos e guiados pelo Espírito Santo, tomemos consciência dos objetivos propostos no Projeto Pastoral e tentemos levá-los à prática pastoral, através dos caminhos da peregrinação da Esperança.

A caminhada do primeiro ano do triênio convidou-nos a viver “Enraizados em Cristo”, continuando a sentir nos chamados e amados por Jesus, empenhados na missão da Igreja com a responsabilidade pastoral de servir a Igreja Diocesana, que nos convida a sermos membros do Corpo de Cristo, pedras vivas em construção de comunidades mais vivas, dinâmicas e unidas na comunhão fraterna e solidária.

Somos “Peregrinos da Esperança” realizando o caminho da fé como Abraão, como batizados, deixamos tudo para trás, para fazer a travessia da fronteira do amor novo e renovado na esperança de uma Igreja que caminha junto com o seu Povo.

Peregrinos com Jesus, Maria e José, caminhemos com alegria em direção à Terra Prometida para chegarmos à Jerusalém celeste. Mudemos o rumo da nossa vida e da história da Igreja, na esperança de nos encontrarmos juntos na encruzilhada do caminho da missão eclesial, que dá sentido e confiança à relação com Deus e com os irmãos, na estrada da vida onde somos chamados a fazer a peregrinação no caminho da santidade.

“A Igreja prossegue a sua peregrinação no meio das perseguições do mundo e das consolações de Deus”, encontrando em Maria a Mulher crente toda cheia de Deus e com testemunho credível.

Nós cristãos, somos ungidos do Senhor. O Espírito do Senhor desceu sobre nós e fomos ungidos com o perfume da unção. O perfume de Cristo enraíza os batizados na vida da Igreja através da unção do Espírito Santo, da escuta da Palavra, da força da oração, da graça dos sacramentos e do serviço pastoral em dinamismo de caridade.

Que este Projeto Pastoral seja para todos os fiéis um incentivo na realização de um projeto vocacional que valoriza os pastores, os consagrados e os leigos, ao serviço da família, das crianças, adolescentes, jovens e adultos no compromisso da transmissão da fé e na esperança como dom de salvação.

Convido o Povo de Deus, a verdadeira Igreja em peregrinação, a rezar e a empenhar-se na concretização zelosa deste Projeto Pastoral. “Todos, todos, todos! Na Igreja há lugar para todos” (Discurso JMJ, 03/08/2023).

Nós batizados, somos o meio que Deus tem e a Igreja precisa para fazer chegar aos outros a Alegria do Evangelho. Não deixemos que desapareça do nosso coração a esperança e a confiança de sermos a verdadeira Igreja de Cristo presente nas aldeias, vilas, cidades, praças, caminhos e nas periferias do mundo frágil da dor e vulnerável dos migrantes, refugiados e sem abrigo.

Uma pessoa boa, humilde, simples, piedosa, fiel e amável é um cristão ungido pelo Espírito Santo. Empenhados na dinâmica sinodal em curso na Igreja, sejamos o Povo de Deus em caminho de renovação, como verdadeiros discípulos missionários, ao serviço da Igreja Mãe, Mestra e Educadora. Que Maria, a Virgem Fiel, Estrela da Nova Evangelização nos ensine a sermos verdadeiros ícones de Cristo e “Peregrinos da Esperança”.

+ António Luciano dos Santos Costa

PROGRAMA PASTORAL

Linhas de orientação para o ano pastoral 2024-2025

“TODOS, RAÍZES DA ALEGRIA” (2023-2026)

1º Ano – És ChAmado por Jesus, Apressa-te...

2º Ano – És ChAmado por Jesus, Experimenta...

3º Ano – És ChAmado por Jesus, Sê Protagonista da mudança...

Projeto Pastoral 2024 - 2025

Lema: **És ChAmado por Jesus, Experimenta...**

Ícone Bíblico: **«Formamos todos um só Corpo (1Cor 12, 12)...
Vem e Vê»** (Jo 1, 46)

Objetivos Gerais (Visão): Sentir com a Igreja. Aprofundar o sentido de pertença à Igreja em cada comunidade e prover que a paróquia seja geradora de quotidiano cristão.

Objetivos Específicos: “Transformados” (1 Cor 12,12; Jo 1, 46)

1. Ganhar e atrair as pessoas para Jesus Cristo (EG 14)

Porque a pessoa humana é *«a primeira estrada que a Igreja deve percorrer para realizar a sua missão»* (Redemptor Hominis 14), cada batizado deve empenhar-se em acolher e convidar «a Pessoa» a fazer a *«experiência viva do amor de Deus»* (SNC 6) através do encontro pessoal com Jesus Cristo, raiz da nossa Alegria.

2. Transformar a cultura da Paróquia: «mística de viver juntos» (EG 88)

“Construir Juntos” uma Comunidade paroquial “Família de Famílias” mais fiel a Cristo: uma comunidade sinodal mais simples, fraterna, acolhedora e inclusiva que promova um ambiente saudável e um forte sentido de comunhão e pertença.

3. Renovar estruturas pastorais da Diocese com Método da «Conversação no Espírito»

A urgência de entrar num «processo de discernimento, purificação e reforma» (EG 30) com a aplicação da metodologia Sinodal designada como «*Diálogo no Espírito*».

4. Celebrar o Ano Santo Jubilar e Ressuscitar a Esperança

Sintonizar, esclarecer e mobilizar o Povo de Deus da Igreja diocesana para este “*evento de Graça*” como oportunidade de *ressuscitar* no coração humano a Fé, a Esperança e a Caridade.

EIXOS: Sinodalidade | 10º Aniversário do Sínodo Diocesano | Jubileu Ordinário da Esperança

Todas as dimensões da vida pastoral da diocese de Viseu deverão ser tratadas e desenvolvidas na escuta da Palavra, no trabalho e esforço conjunto dos diversos âmbitos e setores pastorais (Espírito Sinodal). Deve reinar uma relação de convergência, acolhimento e adequação das propostas do projeto pastoral diocesano à realidade de cada arceprelado e comunidade local (*Princípio da Incarnação*) com o empenhamento de todos. Aplica-se aqui o silogismo utilizado por Bento XVI no 85º Dia Missionário Mundial (2011): «TODOS, TUDO e SEMPRE».

Ponto de Partida

“Nós, sua Igreja [de Jesus], somos a comunidade dos que são chamados. Somos chamados como somos, com os problemas e limitações que temos, com a nossa alegria transbordante, com a nossa vontade de sermos melhores... Na Igreja há espaço para «Todos, todos, todos». Jesus convida-te a entrar: «entra e vê!».”
(Francisco, Discurso na Cerimônia de Acolhimento das JMJ 23)

1. Para este novo ano pastoral partimos onde terminámos... sob a égide do *tempo do Espírito*.

Na tentativa de construir e desenvolver um percurso lógico e vertido em processos de descoberta e consolidação da fé, onde todos se descubram *Raízes da Alegria*, colocamos nas vossas mãos uma proposta de base catecumenal e querigmática, em muito inspirada no sínodo diocesano que assinala os seus 10 anos, que sentimos ser prioritária.

2. Ao longo de todo o processo trienal (2023-2026), o projeto pastoral da Diocese de Viseu tem a pretensão de ajudar a introduzir no *caminho* todo aquele que se sente chamado, pessoal ou comunitariamente, a ser discípulo e a viver a luminosa experiência de ir à fonte e (Re)descobrir Jesus Cristo (1º ano), desenvolver o sentido de pertença à Igreja (2º ano), para que, finalmente, se sinta enviado em Missão, com alegria e esperança (3º ano).

3. O nosso Projeto Pastoral entra no segundo ano de prossecução, onde cada batizado é chamado por Jesus Cristo a ser *Peregrino da Esperança* no *Sentir com a Igreja*. E *sentir com a Igreja* é, antes de mais, *ter sentido de Igreja*. É o sentido de pertença, de ver a Igreja, família de Deus, como sua família e sua casa. É sentir-se e assumir-se como membro do Corpo, vivo e atuante, no *Agora* da Igreja face aos desafios de Hoje e de Sempre. Contudo,

para que este *sentir* se torne real é decisivo que se fale da Igreja na primeira pessoa do plural: “*nós*” e não “*eles*”. Nas palavras do Papa Francisco: «Ser Igreja significa ser povo de Deus, de acordo com o grande projeto de amor do Pai. (...) A Igreja (paróquia) deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho» (*Evangelii Gaudium* 114).

4. A Paróquia e o Arciprestado, enquanto instâncias evangelizadoras e sinodais têm a urgente necessidade de renovar e modificar o seu estilo de vida e ação pastoral. Na sua “plasticidade” é imprescindível que se passe da prática “de uns poucos” que decidem e fazem tudo, para o envolvimento de um maior número possível de participantes. O futuro dinâmico e rejuvenescido das nossas comunidades depende, em grande parte, da capacidade de convidar, envolver e corresponsabilizar os seus diversos membros na avaliação e auscultação, na programação e decisão, na ação e na ministerialidade.

5. O grande desafio passa por refletir os critérios evangélicos que facilitem o modo de construirmos juntos uma “Igreja casa de família” - que passe de “comunidade de batizados” a “comunidade de testemunhas” - e que, simultaneamente, favoreçam o “Sentido de Pertença” com a aplicação de um conjunto básico de atitudes e orientações espirituais e práticas.

Vigாரaria da Pastoral

Propostas e Desafios Pastorais

Escutados os diversos órgãos de corresponsabilidade da pastoral diocesana sobre as urgências do *agora* no contexto diocesano, definimos como *tripé* de ação que confere propósito para alcançar a meta desejada, os seguintes âmbitos: **Família – Paróquia – Formação**.

1. FAMÍLIAS

A pastoral familiar é transversal a todos os âmbitos e campos da ação da Igreja. A mesma, deve fazer experimentar que o Evangelho da família é a resposta às expectativas mais profundas da pessoa humana. Para que as famílias possam ser sujeitos e destinatários mais ativos da ação pastoral da Igreja nas suas comunidades, requer-se um esforço evangelizador e catequético dirigido à família (cf. AL 200-201). A valorização e a promoção do matrimónio e da família deve ser o vértice das prioridades pastorais. É imprescindível e urgente colocar a pastoral familiar (as famílias) no “coração da paróquia e da Diocese” e caminhar “*com*” a família pelas estradas da vida quotidiana. Sem o envolvimento e participação das nossas famílias não há pastoral comunitária. Por isso, «a família deve tomar parte ativa na vida paroquial» (*Ecclesia in Asia*, nº 46).

Propõe-se como **Metas a atingir**:

Grupo da Família: Criar, em cada Paróquia ou conjunto de Paróquias, o “Grupo da Família”.

Em sintonia com o Secretariado diocesano, proponham-se:

- ações e atividades adequadas para uma maior participação das famílias na vida comunitária (formação, convívio, partilha);
- seja tido em conta o contributo e a experiência das *famílias de acolhimento JMJ*;

Espiritualidade Familiar: Cada setor da Família, prepare e divulgue subsídios e momentos que favoreçam a prática da oração em família, a celebração dos jubileus matrimoniais e a sinalização das datas mais significativas (dia da Sagrada Família; dos avós e dos idosos; do Pai e da Mãe, dos doentes).

Encontros de Famílias: Organizar, anualmente, um encontro de famílias, paroquial ou conjunto de Paróquias, que culmine numa Jornada Diocesana da Família, verdadeira festa das famílias, onde se privilegie o convívio, mas também a formação e a partilha das realidades familiares.

1.1 Jovens

Grupo de Jovens: Conscientes da desertificação e envelhecimento de muitas das nossas paróquias, onde for possível, constitua-se um grupo de jovens. Sejam oferecidas propostas relevantes que suscitem o compromisso e a participação em experiências concretas de vida solidária e missionária, numa linguagem que eles entendam. Sejam integrados na pastoral de conjunto e tenham maior protagonismo nas propostas pastorais (cf. *Christus Vivit* 202).

- a) **Rede diocesana: COD, COA, COP'S:** Com base na rede diocesana de Comitês: COD, COA, COP'S, fazer da experiência JMJ uma oportunidade que ajude os jovens a se tornarem “*caminheiros da fé*”, lhes possibilite desenvolver o valor da generosidade, da gratuidade e presença alegre na vida comunitária.
- b) **Participação Juvenil:** É de propor aos jovens que tenham maior representatividade e:
 - assumam a gestão das *Plataformas Digitais* da paróquia e, simultaneamente, auxiliem os catequistas na utilização de ferramentas digitais na catequese;
 - se envolvam no voluntariado e no exercício de ministérios laicais (leitorado, acolitado, catequese, grupo coral, acolhimento na celebração dominical, dramatização...).

Vocações e Ministério Ordenado: «Onde há vida, fervor, paixão de levar Cristo aos outros, surgem vocações genuínas» (EG 107). O centro da pastoral vocacional está na comunidade, na paróquia. São as vocações uma prioridade pastoral que implica o “olhar, o chamar e o convidar”. Conscientes deste imperativo:

- promovam-se “Animadores vocacionais” que saiam para o terreno à procura de sinais de vocação sacerdotal ou de vida consagrada. Apoiem, incentivem e encaminhem os jovens para o Secretariado Diocesano das Vocações;
- cada pároco e suas comunidades «dirijam uma corajosa proposta vocacional às novas gerações.

1.2 Catequese e Educação Moral Religiosa Católica

Transmissão da Fé e Família: Sensibilizar os catequistas e educadores para que se crie uma maior proximidade e interação com os pais no processo educativo dos seus filhos. Procure-se “alargar a tenda” e criar-se ligações e compromissos mais significativos de colaboração em rede.

Assim deve procurar-se:

- implementar e adaptar à realidade das paróquias o novo Itinerário da Iniciação à vida Cristã;
- suscitar e envolver as famílias na partilha de responsabilidades, na programação de propostas práticas e avaliação catequéticas.
- colocar a Eucaristia dominical como o *centro dos nossos programas fomentando* a participação ativa nas celebrações;
- desenvolver junto das famílias e na catequese, uma campanha de matrículas para a disciplina de EMRC.

2. PARÓQUIA SINODAL e MISSIONÁRIA

A Paróquia... «porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do pastor e da comunidade» (EG 28).

É **URGENTE** criar na paróquia a “*Cultura do Convite e do Encontro*” com a marca do **acolhimento, docilidade, escuta e criatividade**. Que cada comunidade paroquial da diocese de Viseu, a partir das suas estruturas e da organização da sua vida, se torne lugar onde as pessoas – as *pedras vivas* – se revejam, se identifiquem e, conseqüentemente, se liguem.

Na Carta aos Párcos (02/05/2024) o Papa Francisco refere: “Se as paróquias não forem sinodais e missionárias, também a Igreja não o será”.

Não podemos continuar a viver nas nossas comunidades de maneira rotineira. Passemos de uma pastoral de conservação para uma pastoral missionária (EG 15). No esforço de estarmos todos sintonizados com o dinamismo jubilar e imbuídos do espírito sinodal como “*Peregrinos de Esperança a caminhar juntos*” propõe-se como **Metas a atingir**:

2.1 Liturgia e Oração

Capacidade de Acolhimento:

a) Grupos de Acolhimento: Procure organizar-se o acolhimento nos lugares de culto, a começar pelas igrejas paroquiais ao fim de semana. O mesmo seja realizado em ambiente de simpatia e atitude positiva.

b) Mobilidade e Migrantes: Este é um dos temas pastorais mais desafiantes da atualidade.

Aumenta o número de migrantes nas nossas geografias humanas e muitos procuram uma comunidade de referência onde se sintam acolhidos e possam participar. É importante acolhê-los, acompanhá-los e integrá-los na vida comunitária.

Pensar e Viver a Eucaristia: Uma celebração que não evangeliza não é autêntica (*Desiderio Desideravi*, 37). Por vezes, em algumas paróquias, os fiéis deparam-se com liturgias descuidadas, negligenciadas e mal preparadas e, portanto, pouco atrativas. Sejam multiplicados os esforços no cuidado pela estética do rito e pela arte performativa da celebração da Eucaristia.

- a) Participação Litúrgica:** Qualificar a participação litúrgica com o exercício mais pleno e consciente de cada ministério/função: leitor, acólito, cantor... criando responsáveis para cada serviço, com calendário e formação regular. Incentivar a participação da catequese na assembleia dominical e atribuir algumas tarefas.
- b) Equipa da Liturgia:** Onde for possível, criar um *Grupo de Liturgia* (com membros dos vários setores) que ajude o pároco a preparar e a cuidar todos os aspetos da celebração da Eucaristia e do Domingo.
- c) Escola de Acólitos:** Em cada Arciprestado ou conjunto de paróquias, haja o esforço de criar uma estrutura que proporcione encontros festivos, formativos e celebrativos em vista a congregar os acólitos e a ajudá-los a melhor celebrar os mistérios da fé.

Igrejas Abertas: «A Igreja como casa aberta do Pai é chamada a ter as portas abertas» (cf. EG 47)

Procure-se que cada paróquia:

- estabeleça mais tempos para o Sacramento da Reconciliação e para a Adoração Eucarística;
- aumentem-se as ofertas de *práticas* de oração que incentivem à adoração comunitária e pessoal, mantendo, para tal, as igrejas com as portas abertas;

Religiosidade e Costumes: Valorizar e purificar costumes locais e práticas de piedade popular: romarias, procissões, o rosário, a via-sacra, etc. Com tato pastoral e paciência, avaliar e compreender o que deve ser mantido e o que deve ser reformado (cf. EG 43), procurando que sejam importantes momentos para congregar, rezar e evangelizar. (Especial atenção às romarias e procissões, para que sejam bem preparadas com as mordomias e comissões de festas).

2.2 Corresponsabilidade e Estruturas Organizativas

Responsáveis de setores e Planificação: Sejam nomeados responsáveis de setores: pastoral orgânica, profética, litúrgica, social, familiar, juvenil. Em equipa com os coordenadores de grupos ou Movimentos, procure fazer-se a avaliação e a programação da vida da comunidade. Em diálogo, proponham ideias abertas e praticáveis de acordo com a realidade local (*ir além dos esquemas habituais*). Evite-se a concentração de atividades e de responsabilidades nas mesmas pessoas.

Conselho Pastoral: Para viver o estilo sinodal que desejamos para “a Igreja do 3º milénio” é imprescindível criar ou reativar o Conselho Pastoral Paroquial ou Interparoquial, bem como a Assembleia Arciprestal, tornando-os “estruturas de comunhão, participação e missão”.

* O grupo deve estar em plena sintonia com o Projeto Pastoral Diocesano e ter em conta:

- **Periodicidade:** sempre que possível de 3 em 3 meses.
 - **Constituição:** propõe-se, onde seja possível, o pároco, com vigários e diáconos se os houver, 1 representante das principais áreas, um casal, um(a) jovem, um membro do Conselho Económico (número de referência de 10 elementos).
 - **Metodologia:** aplicar em cada reunião o método sinodal da “*Conversação no Espírito*” (cf. proposta da metodologia). Os temas devem ser relevantes e terem em conta as ideias de todos, procurando, quanto possível chegar ao consenso para se “*construir juntos*”. Deve funcionar em articulação com a Assembleia Arciprestal.
- Cada pároco deve apresentar, para aprovação, os nomes dos elementos ao Bispo diocesano.

Conselho Económico: Cada paróquia deve ter constituído o Conselho para os Assuntos Económicos (Comissão da Fábrica da Igreja). Esta estrutura de perfil sinodal (preferência intergeracional) deve ajudar o pároco a gerir e a administrar os bens materiais da paróquia, e a promover a partilha de bens ao serviço da ação pastoral. O mesmo deve reger-se pelos critérios de transparência, competência, espírito de comunhão e rotatividade.

Rotatividade de cargos e responsabilidades: Aplicar o princípio da rotatividade e alternância de tarefas e serviços paroquiais e arciprestais (conselhos económicos e pastorais, comissões de culto, mordomias de festas e das capelas, coordenadores dos setores, irmandades, etc...), de forma a não se “eternizar” a ideia dos insubstituíveis. Deve incentivar-se para uma maior distribuição de tarefas, não sendo os mesmos a assumir tudo (cultive-se a subsidiariedade).

** Todos os responsáveis, coordenadores e conselheiros deveriam desenvolver um mandato e, em caso de necessidade, ir até um segundo mandato apenas. (cf. a legislação diocesana)*

Atendimento Espiritual e Cartório: Sejam estabelecidos tempos com horários definidos para atender, escutar e dialogar com as pessoas (cultivo da vida espiritual pessoal). Que as pessoas sintam o «*Rosto da Misericórdia de Deus*» neste acolhimento feito de proximidade, estima e apoio. Se possível, o cartório seja repensado com o apoio de leigos competentes e bem formados que possam ajudar na parte burocrática.

Reconfiguração do Mapeamento dos arciprestados: a ideia de juntar os antigos arciprestados (equiparados aos Concelhos) e criar um mega arciprestado (primordialmente Zona pastoral), revelou-se infrutífera na realização da ação pastoral. Com base nas circunstâncias pastorais e sociológicas reais, urge uma nova reconfiguração dos arciprestados, especialmente, no que concerne aos atuais arciprestados rural e urbano.

2.3 Sair às Periferias Existenciais

Organizar a Esperança:

- a) **Voluntariado:** Estruturar o voluntariado e o espírito de serviço - inspirado pela Doutrina Social da Igreja – como o “Programa do Cristão”. Um programa assente ‘num coração que vê’ onde há necessidade de amor, e atua em consequência (cf. *Deus Caritas Est* 31). Poder-se-á convidar e envolver os movimentos laicais e os grupos mais ativos da paróquia, por exemplo, grupos da pastoral social, a catequese, os jovens, escuteiros...
- b) **Animadores “da Esperança”:** Inserido no espírito do voluntariado cristão, será uma mais valia pastoral a constituição de grupos de base sócio-caritativa – *Animadores da Esperança* – nas comunidades paroquiais. Com uma atenção especial aos novos reformados e com a presença de um ministro extraordinário da comunhão, na sua constituição, estes grupos (se possível intergeracionais) estariam vocacionados para:
- visitar e animar os idosos, os doentes, as pessoas portadoras de deficiência nas Instituições Sociais, levando alegria e esperança;
 - dinamizar atividades espirituais, culturais, educativas e sociais nos diversos âmbitos;
 - auxílio na manutenção das estruturas, edifícios e espaços da paróquia.
- c) **Cuidar a “Casa Comum”:** Sugerimos que se desenvolvam ações práticas nas paróquias, segundo o espírito da encíclica *Laudato Si* que denotem o compromisso e a preocupação pelas questões ambientais e, conseqüentemente, pela “Casa Comum”. Uma forma bela de concretizar boas práticas ecológicas será a mobilização dos membros da catequese juntamente com as suas famílias, ou dos escuteiros. (ex. plantação de árvores, limpeza e preparação de espaços, ações de sensibilização, usar na catequese mais produtos reciclados, etc).

2.4 Cultura e Comunicação

Cultura: Na vida das comunidades é importante organizar eventos e roteiros culturais que promovam o encontro, o convívio e o diálogo, apoiando-se na potencialidade das artes (literatura/poesia, dança, música, teatro, pintura...), na descoberta do património material e imaterial, no diálogo fé-cultura (debates, tertúlias, apresentação de obras...), no dinamismo da peregrinação. Seria desejável criar neste enquadramento:

- a) **Equipa de Eventos:** que, em estreita relação com o pároco, assegure e coordene os eventos e iniciativas paroquiais (acima referidas).
- b) **Plataformas de partilha:** que, de forma fraternal, funcionem como rede de partilha responsável e cedência de recursos materiais para a pastoral interparoquial ou até mesmo arciprestal.

Comunicação: «*O bem tende sempre a comunicar-se*» (EG 9).

Na auscultação sinodal ao Povo de Deus e na avaliação feita pelos organismos pastorais da nossa diocese, é unânime que existe um grave problema de comunicação. Comunicamos muito mal e ineficazmente. Assim, propomos:

- ao arcipreste – cada arciprestado envie para o Gabinete de Informação (GI) da diocese os momentos e eventos mais significativos do arciprestado, de cada paróquia, congregação e movimento, a fim de ser publicado e partilhado nas plataformas de comunicação. (ex. dia da paróquia, um evento mobilizador, uma celebração especial, dia da congregação, ações realizadas pelos movimentos, etc);
- campanhas de assinatura do Jornal da Beira e maior incentivo a comprar na livraria diocesana;

3. FORMAÇÃO

A formação cristã é um dos pilares fundamentais para mudar mentalidades e criar uma cultura diocesana e paroquial. Sendo a sua finalidade primeira a caridade pastoral, a formação apresenta-se como uma tarefa inacabada e como fato vital unitário: “*inicial*” e “*permanente*”.

Em todo o percurso formativo proposto deve procurar-se coligar as diversas dimensões da formação humana, espiritual, intelectual e pastoral, bem como, insistir na arte do **trabalho em equipa**.

Propõe-se como **Metas a atingir**:

Aspirantes a Diáconos Permanentes: Iniciar um Ano Propedêutico desenvolvido a partir do discernimento vocacional e do aprofundamento sobre os requisitos canónicos para a vivência deste ministério. Após este ano, propõe-se a criação de uma Escola Diocesana que satisfaça a necessária formação teológico-pastoral (de 3 anos), a par da formação de leigos com vista à instituição de ministérios (Catequista, Leitor, Acólito).

Itinerário Formativo para Adultos: Oferta de um itinerário formativo diocesano, que a partir da Palavra de Deus, nos coloque à “descoberta” da Pessoa de Jesus Cristo e da sua Igreja. Assim:

- este itinerário deverá ser apresentado e desenvolvido em todos os arci-
prestados;
- cada arciprestado nomeia a equipa de formadores que desenvolverão os temas;
- os subsídios serão elaborados e disponibilizados pelos responsáveis diocesanos;

Agentes Pastorais | Animadores | Educadores | Pastores: Numa perspetiva de Pastoral de Conjunto, ampliar e desenvolver uma formação global que contenha uma, contínua e adequada, preparação técnica, bíblica, litúrgica, pastoral e espiritual.

Os secretariados diocesanos, Congregações e Institutos religiosos, Movimentos laicais, sentem-se todos à mesa e programem uma **agenda formativa única** onde:

- se eduque para a *Formação do Coração* e para a capacitação de um novo estilo de liderança;
- se trate da *reciclagem* daqueles que já exercem ministérios e serviços nas comunidades;
- se desenhem e projetem ciclos de conferências e jornadas teológico-Pastorais - **“Reaviva as tuas Raízes”** – com propostas de formação sobre temas eclesiais, culturais e sociais abertos a crentes e não-crentes;

Preparação arciprestal do Crisma: Em cada arciprestado, seja realizado um itinerário formativo, espiritual e cultural para os crismandos no seu conjunto. Concretização:

- 1º passo:** todos os antigos arciprestados articulem com o Bispo diocesano as datas das celebrações do crisma a realizar no atual Arciprestado (datas próximas entre si);
- 2º passo:** realizar os encontros com todos os crismandos a partir de um programa que contemple diversas modalidades formativas e termine com a celebração do sacramento da Confirmação;
- 3º passo:** se possível, que haja rotatividade nos locais do encontro e nas atividades propostas do mesmo;

Metodologia Sinodal de “Conversação no Espírito”: Nas reuniões/encontros de reflexão, avaliação e projeção (diocesanos, arciprestais, paroquiais e movimentos) seja praticada a arte do *discernimento comunitário* valendo-se do método sinodal da *“Conversação no Espírito”*.

CELEBRAR O JUBILEU: “PEREGRINOS DA ESPERANÇA”

O Jubileu promulgado pelo Papa Francisco para 2025 «há-de ser um Ano Santo caracterizado pela CELEBRAR O JUBILEU: “PEREGRINOS DA ESPERANÇA”.

O Jubileu promulgado pelo Papa Francisco para 2025 «há-de ser um Ano Santo caracterizado pela esperança que não conhece ocaso, a esperança em Deus. Que nos ajude também a re-encontrar a confiança necessária, tanto na Igreja como na sociedade, no relacionamento interpessoal, nas relações internacionais, na promoção da dignidade de cada pessoa e no respeito pela criação. Deixemo-nos, desde já, atrair pela esperança» (*Spes Non Confundit*, 25).



Abertura Oficial

- Em Roma (24 dez de 2024 – 6 jan 2026)
- Nas Dioceses – Festa da Sagrada Família (29 dez 2024 – 28 dez 2025)
- 29 dez 2024 – Celebração solene da Eucaristia na Catedral de Viseu (15H30)
- 28 dez 2025 – Encerramento do Ano Jubilar

Sugestões de Recursos de Apoio

SITE OFICIAL: <https://www.iubilaeum2025.va/pt.html>

BENTO XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi* – Salvos na esperança, 2007

DICASTÉRIO PARA A EVANGELIZAÇÃO, Série de livros «Apointamentos sobre Oração», Paulinas, 2024

PAPA FRANCISCO, Bula de Proclamação do Jubileu *Spes non confundit* – A esperança não engana, 2024

PAPA FRANCISCO, Catequeses do Papa Francisco sobre a Esperança, entre 2016 e 2017

Celebrar o Ano Santo – Propostas:

Sessão de Abertura Diocesana na Catedral: Congregar o Povo de Deus, oriundo de toda a diocese, na sessão de abertura do Ano Jubilar com a celebração da Santa Missa na Catedral, presidida pelo Bispo Diocesano, segundo o Ritual próprio. Este cerimonial começará com a «peregrinação, desde a igreja [do Seminário Maior] escolhida para a concentração até à Catedral» (cf. SNC 6).

- Peregrinações Jubilares:

- **dos Arciprestados:** Cada Arciprestado organizará e concretizará a sua peregrinação jubilar à Catedral de Viseu. O programa deverá contemplar uma grande celebração Penitencial.

Os arciprestados e as paróquias são também convidados a dinamizar peregrinações locais às igrejas e santuários designados para acolher e desenvolver encontros de preparação jubilar.

- **da Diocese:** A Diocese, nos seus departamentos e secretariados, preparará:
 - as peregrinações das celebrações jubilares especiais,
 - peregrinação ao Santuário de Lourdes – França (27 a 30 de julho de 2025)
 - peregrinação a Roma – (28 de julho a 03 de agosto)
 - peregrinação ao Santuário de Fátima (04 de outubro 2025)

- **Celebrações Jubilares:** Serão calendarizadas celebrações jubilares especiais que integrem não só Movimentos e Associações eclesiais como também da sociedade civil.

(jubileu das escolas, catequese, dos jovens, das famílias, movimentos e irmandades, profissionais de saúde, IPSS, Pessoas com deficiência, Forças Armadas, Polícia e Segurança, Bombeiros, Desportistas, Coros e bandas, etc...)

Igrejas de preparação Jubilar: Devem ser lugares privilegiados para o acolhimento, a oração e para a celebração do Sacramento da Penitência ou Reconciliação, com calendário e interajuda dos sacerdotes (cf. SNC 25). Na Diocese de Viseu são declaradas as seguintes igrejas:

» **Arciprestado da Beira Alta**

- Fornos de Algodres: Igreja Paroquial de São Miguel Arcanjo
- Nelas: Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição
- Mangualde: Igreja Paroquial de São Julião
- Penalva do Castelo: Igreja da Misericórdia

» **Arciprestado de Besteiros**

- Campo de Besteiros: Capela de Senhora do Campo
- Carregal do Sal: Igreja de São Brás
- Tondela: Igreja Paroquial de Santa Maria
- Santa Comba Dão: Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Assunção

» **Arciprestado do Dão**

- Aguiar da Beira: Igreja Paroquial de Santo Eusébio
- Sátão: Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Graça

» **Arciprestado de Lafões**

- Oliveira de Frades: Igreja Paroquial de São Pelágio
- São Pedro do Sul: Igreja do Convento
- Vouzela: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção

» **Arciprestados Rural e Urbano:** Catedral de Viseu

» **Paróquia de Mões:** Igreja Paroquial de São Pedro

ORAÇÃO DIOCESANA

Vem, Espírito Santo, e dá-nos a alegria de viver.

Enche-nos do Teu amor e da Tua paz.

Dá-nos a graça de sermos raízes vivas do amor de Deus,
presença de Igreja unida para transformar o mundo.

Dá-nos Senhor, a alegria da fé, para conhecer Cristo
no amor e na comunhão fraterna da Trindade.

Promovendo o encontro solícito com os pobres e
participando no diálogo e acolhimento de todos.

Dá-nos a alegria de sermos a Igreja em missão,
com corações ardentes e passos entusiasmados;

Com alegria de caminhar juntos com Cristo;

Com a disponibilidade de Maria, a discípula missionária.

Ao olhar o mundo inteiro sedento de renovação,

com Jesus Maria e José cumprindo a missão,

anunciemos a Palavra de Deus, que é vida e salvação.

Fortes no Espírito caminhemos para o Jubileu em oração. **Ámen!**

+ António Luciano dos Santos Costa, Bispo de Viseu

ORAÇÃO PELO JUBILEU

Pai que estás nos céus,
a fé que nos deste
no Teu filho Jesus Cristo, nosso irmão,
e a chama de caridade
derramada nos nossos corações
pelo Espírito Santo
despertem em nós
a bem-aventurada esperança
para a vinda do teu Reino.

A Tua graça nos transforme
em cultivadores diligentes
das sementes do Evangelho
que fermentem a humanidade e o cosmos,
na espera confiante
dos novos céus e da nova terra,
quando, vencidas as potências do Mal,
se manifestar para sempre a tua glória.

A graça do Jubileu
reavive em nós, Peregrinos de Esperança,
o desejo dos bens celestes
e derrame sobre o mundo inteiro
a alegria e a paz
do nosso Redentor.
A Ti, Deus bendito na eternidade,
louvor e glória pelos séculos dos séculos. Amém

O diálogo no Espírito

Uma dinâmica de discernimento na Igreja Sinodal



**Silêncio,
oração e escuta
da Palavra de Deus**

"Tomar a palavra e escutar"

Todos se revezam para falar das suas próprias experiências e orações, e ouvem atentamente a contribuição dos outros.

PREPARAÇÃO PESSOAL

Confiando-se ao Pai, a dialogar em oração com o Senhor Jesus e a escutar o Espírito Santo, cada um prepara a sua própria contribuição sobre a questão para a qual foi chamado a discernir.



**Silêncio e
oração**



"Abrir espaço para os outros e para o Outro"

Cada um compartilha, a partir do que os outros disseram, o que mais ressoou com ele ou o que despertou mais resiliência nele, permitindo que ele seja guiado pelo Espírito Santo: "Quando, ao escutar, o meu coração ardia no meu peito?"

**Silêncio e
oração**

"Construindo juntos"

Dialogámos juntos a partir do que surgiu anteriormente para discernir e colher os frutos da conversa no espírito: reconhecendo percepções e convergências; identificando discordâncias, obstáculos e outras perguntas; permitindo o surgimento de vozes proféticas. É importante que todos possam sentir-se representados pelo resultado do trabalho.

"Que passos o Espírito Santo está a chamar-nos a dar juntos?"



**Oração final de
ação de graças**

CALENDÁRIO PASTORAL

CALENDÁRIO DIOCESANO

Nota: O presente calendário está inacabado e será atualizado na agenda pastoral da página do site da Diocese de Viseu: www.diocesedevisau.pt de acordo com as propostas e iniciativas que vão surgindo.

CALENDÁRIO PASTORAL 2024 - 2025

SETEMBRO 2024*

De setembro a julho – Encontros de oração

“Abrir as Portas da igreja do Seminário Maior de Viseu

> Última quarta-feira de cada mês | Igreja do Seminário Maior de Viseu | 15H – 16H

21 – Caminhada da Pastoral do Ensino Superior de Viseu (PESV)

> Viseu

22 – Encontro Diocesano de Catequistas

> Mosteiros de Fráguas | SDEC

29 – Dia Mundial do Migrante e Refugiado

OUTUBRO

02 a 27 - Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos sobre a Sinodalidade

> Roma

05 - Peregrinação Diocesana ao Memorial da Beata Rita e apresentação do Projeto Pastoral

> Ribafeita | 9H

08 – Oração de Taizé

> Igreja dos Terceiros | Viseu | PESV | 21H

12 – Encontro inicial de Professores EMRC

> Seminário Maior | SDEC

19 e 20 – REJOICE /Encontro Nacional da Juventude e Festival Nacional da Canção

> Lisboa

- Jornadas Nacionais de Catequese
- > Fátima

20 – Ordenações Diaconais

- > Sé de Viseu | 16H

22 – Missa de acolhimento dos Caloiros na Sé

- > PESV | 20H

25 – Reunião do Conselho Presbiteral

- > Seminário do Viseu | 9H30

26 – Conselho Diocesano da Ação Católica Rural

- > Seminário Maior de Viseu

NOVEMBRO

01 – Solenidade de Todos os Santos

- > Missa na Sé

02 – Fiéis Defuntos

- > Missa na Sé

03 a 10 – Semana dos Seminários Diocesanos

04 a 08 – Retiro do Clero orientado pelo Cardeal D. Manuel Clemente

- > Seminário de Viseu

06 – Grupos de Jesus: Encontro de Preparação e Formação para o Crisma

- > PESV | Viseu | 21H

07 – Conferência para assinalar os 200 anos da presença do Seminário Maior de Viseu

- > Convento dos Padres de São Filipe de Néri | D. Manuel Clemente | 21H

– Oração de Taizé

- > Igreja dos Terceiros | Viseu | PESV | 21H

08 a 10 – Promoção Vocacional dos Seminaristas da Diocese
> Aguiar da Beira | SDPV

09 – Vigília de Oração pelos Seminários

> A realizar em cada Arciprestado

16 e 17 – Encontro Nacional das Equipas de Nossa Senhora
> Fátima

17 – Dia Mundial dos Pobres

21 – Vigília de Cristo Rei | Movimentos Laicais diocesanos
> Viseu

23 – Celebração do Encontro do Dia Mundial da Juventude | Festa

> SDPJ | 14H30

**24 – Solenidade de Cristo Rei | Dia dos Movimentos Laicais e Obras |
Celebração da Eucaristia**

> Catedral de Viseu | CIRP | 11H

25 – Recoleção de Advento do Clero
> Seminário de Viseu

DEZEMBRO

05 – Assembleia Geral da Fraternidade Sacerdotal
> Seminário de Viseu | 10h30

07 – Celebração diocesana do Advento | Equipas de Nossa Senhora (ENS)

08 – Solenidade da Imaculada Conceição
> Celebração na Sé

10 – Oração de Taizé
> Igreja dos Terceiros | Viseu | PESV | 21H

18 – Dia da Padroeira do Seminário Maior e Centro Sócio Pastoral de Viseu

25 – Natal do Senhor

> Celebração da Eucaristia da Meia Noite e do Dia na Sé

29 – Sagrada Família | Abertura do Ano Santo Jubilar da Esperança

> Viseu | 15h30

JANEIRO

01 – Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus | 58º Dia Mundial da Paz

> Sé Eucaristia | 11H

05 – Dia da Infância Missionária | SDPM

11 – Curso Ministros Extraordinários da Comunhão (MEC)

> Centro Pastoral | SDPL | 09H

18 – Curso Ministros Extraordinários da Comunhão (MEC)

> Centro Pastoral | SDPL | 09H

18 a 25 – Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos

25 – Curso Ministros Extraordinários da Comunhão (MEC)

> Centro Pastoral | SDPL | 09H

25 e 26 – Retiro para Agentes da Pastoral

> Seminário Maior | SDEC

– Retiro das Equipas de Nossa Senhora

> Termas de S. Pedro do Sul

25 – Oração de Taizé

> Igreja dos Terceiros | Viseu | PESV | 21H

26 – Domingo da Palavra de Deus

26 a 2/02 - Semana do Consagrado | CIRP

28 a 30 – Formação permanente do Clero das Dioceses do Centro

> Fátima

FEVEREIRO

01 – Vigília de Oração pelos Consagrados

> Viseu | CIRP | 21H

02 – 29º Dia do Consagrado | Celebração da Eucaristia

> Catedral de Viseu | CIRP | 18H

– Celebração do Dia do Educador Católico

> Seminário Maior | MEC

11 – Dia Mundial do Doente | SDPS

13 – Oração de Taizé

> Igreja dos Terceiros | Viseu | PESV | 21H

15 – Formação sobre a Prevenção aos Abusos de Menores | Grupo Vita

> Auditório do Seminário

18 – Solenidade de São Teotónio - Padroeiro da Diocese | Renovação das promessas dos Diáconos Permanentes

26 – Encontro de Oração “Chamados ao Encontro”

> Seminário Maior | MEC

MARÇO

01 – Encontro Diocesano de Reflexão

> Ação Católica | Viseu

01 a 04 – Semana de Estudos da Vida Consagrada

> Fátima | CIRP

01 a 09 – Peregrinação dos alunos EMRC a Taizé | SDEC

05 – Quarta-feira de cinzas | Início da Quaresma

– Recoleção Quaresmal do Clero

> Seminário de Viseu

09 – Peregrinação Jubilar dos Arciprestados de Viseu Urbano e Rural

> I Dom. Quaresma | 15H30

11 – Oração de Taizé

> Igreja dos Terceiros | Viseu | PESV | 21H

14 e 15 – Mega Encontro Diocesano de Jovens | SDPJ

16 – Peregrinação Jubilar do Arciprestado de Lafões

> II Dom. Quaresma | 15H30

21 – Encontro de Reflexão Quaresmal

> Seminário Maior | MEC

22 – Retiro Quaresmal aberto a todas as pessoas

> Seminário das Missões | CIRP | 10H

23 – Peregrinação Jubilar dos Arciprestados do Dão e Beira Alta

> III Dom. Quaresma | 15H30

28 e 29 – Iniciativa “24 Horas para o Senhor” | Paróquias da Diocese

29 – Caminhada pela Vida | ADAV

> Viseu

30 – Peregrinação Jubilar do Arciprestado de Besteiros

> IV Dom. Quaresma | 15H30

ABRIL

03 – Oração de Taizé

> Igreja dos Terceiros | Viseu | PESV | 21H

05 – Cerimónia Diocesana de Reconciliação | Equipas de Nossa Senhora (ENS)

13 - Domingo de Ramos

> Sé de Viseu

17 – Quinta-feira Santa | Missa Crismal e Ceia do Senhor

> Sé de Viseu

18 – Sexta-feira Santa | Celebração da Paixão

> Sé de Viseu

19 – Vigília Pascal

> Sé de Viseu

20 – Domingo de Páscoa

> Sé de Viseu

MAIO

01 – Peregrinação Nacional de Acólitos

> Fátima

04 a 11 – Semana de Oração pelas Vocações | SDPV

04 – Ordenações Sacerdotais na Sé

> Sé de Viseu

11 – Domingo do Bom Pastor | 62º Dia Mundial de Oração pelas Vocações

| SDPV

17 – Assembleia Diocesana de Pastoral | Vigararia da Pastoral

> Seminário Maior | 9H

20 – Oração de Taizé | Igreja dos Terceiros

> Viseu | PESV | 21H

25 – Jubileu da Catequese na Diocese

> Viseu | SDEC | Local a designar

31 – Celebração do terço anual do setor | Equipas de Nossa Senhora (ENS)

JUNHO

7 e 8 – Jubileu dos Movimentos, Associações e novas Comunidades

8 – Solenidade do Pentecostes

> Sé de Viseu

19 – Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo

> Sé de Viseu

21 – Encerramento das atividades das Equipas de Nossa Senhora da Diocese de Viseu

26 – Oração de Taizé

> Igreja dos Terceiros | Viseu | PESV | 21H

27 – Solenidade do Sagrado Coração de Jesus | Encontro de espiritualidade e convívio para os sacerdotes e diáconos

> Seminário de Viseu

JULHO

12 – Encontro final de Professores EMRC | Arciprestado de Lafões | SDEC

23 - Solenidade da Dedicção da Catedral de Viseu | Celebração com Centros Sociais | IPSS

27 – 5º Dia Mundial dos Avós e dos Idosos

27 a 30 - Peregrinação Diocesana a Lourdes presidida pelo Bispo Diocesano

> França

28 a 3/08 – Celebração do Jubileu dos Jovens | Peregrinação

> Roma | SDPJ

30 – Celebração do Dia do Educador Católico

> Seminário Maior | MEC

AGOSTO

15 – Solenidade da Assunção de Maria

SETEMBRO

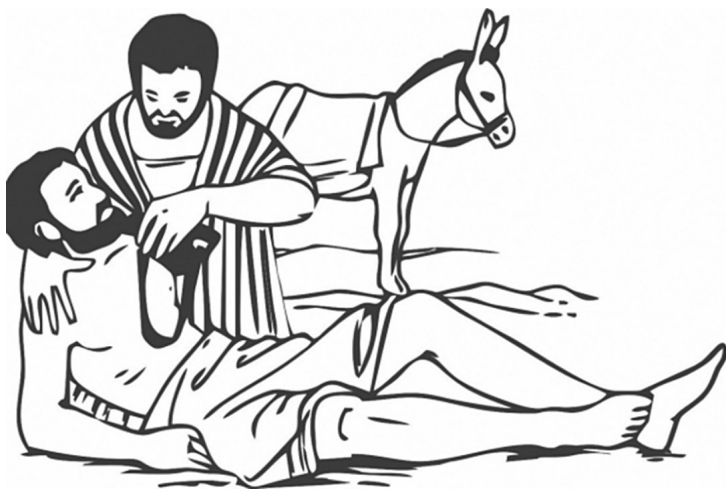
28 – Dia Mundial do Migrante e do refugiado

OUTUBRO

04 – Peregrinação da Diocese de Viseu a Fátima

> Santuário de Fátima

ITINERÁRIO FORMATIVO PARA ADULTOS



INICIAÇÃO CRISTÃ | REDESCOBRIR JESUS CRISTO

A partir da Palavra de Deus, coloquemo-nos à “descoberta” da Pessoa de Jesus Cristo e da sua Igreja. O presente itinerário deverá ser apresentado e desenvolvido em todos os arciprestados em sessões de 1h30.

TEMA 1 – JESUS DE NAZARÉ, O ORANTE, É O SENHOR

Acolhimento – Cântico e Oração

Introdução

Jesus é o Enviado do Pai ao mundo para inaugurar o Reino de Deus, agindo no amor oblativo e total. A sua actividade decorreu num determinado tempo e espaço, num contexto cultural específico, congregou um grupo de discípulos, os Doze, desde a Galileia até Jerusalém, onde teve lugar o acontecimento fundante da Igreja: Paixão, Morte, Ressurreição. Surgiu aí a primeira comunidade eclesial, que procurava imitar o Mestre, viver como Ele ensinou. Entre os muitos gestos e sinais que Ele nos deixou, dos mais visíveis e constantes até hoje, que distinguem os Seus seguidores, é a ORAÇÃO. Jesus orava ao Pai com frequência e em momentos decisivos. Ele é modelo na oração e, por Ele, a nossa oração sobe ao Pai: **“Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a Vós Deus Pai...”**.

1.1. Da Galileia a Jerusalém – Anúncio do Reino

Tendo nascido em Belém da Judeia, Jesus voltou com os pais para Nazaré da Galileia e ali “crescia em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52). Como afirmou o Papa Paulo VI, aquando da visita à Terra Santa, em Janeiro de 1964 “Nazaré é a escola onde se começa a entender a vida de Jesus, a escola do Evangelho”.

Educado pelos pais, José e Maria, segundo os costumes do tempo, ali trabalhou e viveu até cerca dos trinta anos. Em Nazaré, e como era hábito no sábado, Jesus entrou na sinagoga. Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou-se com a passagem em que está escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e aos cegos a recuperação da vista; a mandar em libertação os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor... começou então a dizer-lhes: cumpriu-se hoje a passagem da Escritura que acabais de ouvir” (Lc 4,18-19.21). À luz deste episódio, outros acontecimentos e sinais iluminam a compreensão de Jesus como Enviado do Pai para iniciar no mundo o Seu Reino.

O **baptismo** de Jesus por João Baptista, no rio Jordão, assinala o começo da sua vida pública (cf. Lc 3, 23; Act 1, 22). O Espírito Santo, em forma de pomba, e uma voz vinda do céu, proclama: “Este é o Meu Filho muito amado” (cf. Mt 3, 13). Nesta manifestação de Deus (teofania), Jesus é apresentado publicamente a Israel como o Messias e Filho de Deus. Também no relato das **tentações de Jesus**, estas adquirem sentido interpretadas em conexão com o relato do Baptismo. O baptismo e as tentações são **pórtico e chave** para a compreensão da vida pública de Jesus.

Os evangelhos sinópticos (Mt, Mc e Lc) narram o ministério público de Jesus em duas etapas: a primeira, na Galileia; a segunda, no caminho para Jerusalém, onde permaneceu até à morte. Na subida a Jerusalém, acontece a **Transfiguração**, na proximidade da Páscoa: “Quando chegou o tempo da sua partida, Jesus tomou a decisão de ir a Jerusalém” (Lc 9, 51). Os Doze e outros seguidores “subiam o caminho para Jerusalém e Jesus ia diante deles. Estavam assombrados e muitos dos que O seguiam tinham medo” (Mc 10, 32).

1.2. Mataram-n’O

A morte violenta de Jesus configura o desenlace inevitável de um conflito com os chefes do povo. Que dizem os evangelhos sobre a morte de Jesus e que representou este acontecimento?

- **Os anúncios da paixão**, feitos por Jesus, advertem por três vezes sobre o que iria acontecer (cf. Mc 8, 31; Mt 16,21; Lc 10, 33). A condenação à morte de João Baptista, que Herodes relacionava com Jesus, ensombrou a atitude de Jesus perante o que Lhe ia suceder.

- **A conduta de Jesus** era provocadora. Em várias ocasiões, colocou-se à margem da lei, cuja violação era sancionada com a pena de morte: **expulsava os demónios** (cf. Mt 12, 24); foi **acusado de blasfemar contra Deus** (cf. Mc 2, 7), de ser **falso profeta** (cf. Mc 14, 65); de desrespeitar o **Sábado** (Mc 2, 23-28; Jo 5, 1-18), acusações que conduziam à pena de morte.

- **Igualmente a relação de Jesus com o Templo**, expressa na expulsão dos vendilhões (cf. Mc 11, 15-16), atitude ofensiva contra as instituições judaicas nas palavras que disse acerca do Templo: “Ouvimo-Lo dizer: ‘derrubarei este templo feito por mãos humanas e, em três dias, construirei outro não edificado por homens’” (Mc 14, 58) eram censuráveis perante a lei e provocaram uma reacção dura na aristocracia sacerdotal: o culto em Jerusalém contribuía para a coesão do judaísmo.

Perante as autoridades, Jesus devia ser condenado à morte. Ele tinha consciência disso e estava convicto da probabilidade de uma morte violenta. Tinha ensinado aos seus discípulos a obediência filial e incondicional à vontade do Pai, por isso não recusa a morte (cf. Mt 10, 28)

A entrega de Jesus até à morte, e morte de cruz, é o culminar do anúncio do Reino de Deus. Jesus deixou aos discípulos, como legado, a Ceia Eucarística, na qual Ele mesmo se torna presente entre os seus nos sinais do pão e do vinho. Nela, **momento orante por excelência**, os que entram na aliança selada com o Seu sangue participam antecipadamente do Reino consumado de Deus.

Como refere o Catecismo da Igreja Católica (= CIC) n. 613: “A morte de Cristo é, ao mesmo tempo, o *sacrifício pascal* que leva a cabo a redenção definitiva dos homens por intermédio do “Cordeiro que tira o pecado do mundo”, e o *sacrifício da nova aliança* que devolve o homem à comunhão

com Deus, reconciliando-se com Ele pelo “*sangue derramado por muitos para remissão dos pecados*” (cf. Mt 26, 28).

1.3. Ressuscitou

Jesus **ressuscitou ao terceiro dia** e os discípulos reconheceram no Ressuscitado o que fora crucificado (cf. Jo 20). Pertence à autenticidade da fé cristã confessar que o Ressuscitado e o Crucificado é o mesmo: Jesus. O testemunho do NT da ressurreição de Jesus é descrito em duas formas ou modalidades: o **anúncio pascal** e os **relatos pascais**.

- O **anúncio pascal** assume, no NT, fórmulas e confissões de fé litúrgicas, mais antigas que os próprios escritos. Isto permite-nos rastrear a tradição das primeiras comunidades, onde se formularam estas confissões de fé obrigatórias e públicas.

Muitas são as passagens do NT que formulam o anúncio pascal - o *Kerigma*. A mais importante confissão de fé é transmitida por Paulo na 1Cor 15, 3-5, numa lista na qual ele se inclui. Os testemunhos desta tradição remetem-nos para Jerusalém. Tendo recebido do Senhor ressuscitado a missão de O anunciar, Paulo manteve sempre vínculo a Jerusalém e à sua comunidade. Os testemunhos mais antigos da ressurreição do Senhor recorrem à afirmação: “Deus ressuscitou Jesus da morte” (1Ts 1, 10; 2Co 4, 14; Rm 4, 24; Cl 2, 12-ss).

- Os **relatos Pascais** distinguem-se dos anúncios pascais. Testemunham a ressurreição de Jesus em forma de relato em duas modalidades: o **sepulcro vazio** e os relatos das **aparições do ressuscitado**. O sepulcro de Jesus aberto e vazio é a forma literária evangélica mais antiga (cf. Mc 16, 1-8). O relato assente nas palavras do jovem vestido de branco, junto ao sepulcro, que diz às mulheres: “Não vos assusteis! Buscais a Jesus Nazareno, o crucificado? Ressuscitou; não está aqui. Vede o lugar onde O tinham depositado” (Mc 16, 6). O **sepulcro vazio** é indiscutível para os evangelistas, como sinal da vitória de Deus contra os que pretendiam suprimir Jesus. A comunidade de Jerusalém venerou o sepulcro de Jesus (cf. Mc 15,42-47).

Os relatos das aparições do Ressuscitado contêm um intuito comum: a aparição livre e pessoal do Ressuscitado fundamenta a afirmação das confissões de fé mais antigas e o mandato missionário (cf. Mt 28,18-20).

“O mistério da ressurreição é um acontecimento real que teve manifestações historicamente comprovadas como testemunha o NT. Já Paulo, cerca do ano 56, escrevia aos Coríntios: ‘Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; a seguir, apareceu a Pedro e, depois, aos Doze’ (CIC 639).

1.4. A Ascensão de Jesus

O livro dos Actos dos Apóstolos relata o episódio da **Ascensão de Jesus** ao céu separadamente da ressurreição (cf. Actos 1, 3-11). A **subida de Jesus** ao céu teve lugar, segundo o relato, quarenta dias (expressão simbólica) após a ressurreição (cf. Lc 24, 26; 24, 50-53).

A expressão **subir ao céu** parece implicar o afastamento do Senhor deste mundo. Todavia, nos relatos de Lucas e Actos dos Apóstolos, a palavra **céu** tem um significado não cosmológico, mas exclusivamente teológico. Deus não está onde está o céu, mas onde está a bondade e o amor de Deus, aí está o céu. Portanto, **Jesus, ao entrar na glória de Deus, não se afastou do mundo**. O Senhor precedeu-nos para nos preparar lugar na casa do Pai, como disse aos discípulos: “quando eu tiver ido e vos tiver preparado um lugar, voltarei e levar-vos-ei comigo para que possais estar onde eu vou estar” (cf. Jo 14, 3).

Jesus Cristo não é uma personagem do passado, mas um contemporâneo de qualquer tempo, após sua ressurreição e podemos entrar numa relação imediata, viva e pessoal com Ele na oração, em Igreja, na comunidade dos que celebram a Eucaristia e O seguem. É a presença sacramental, **em e no Espírito**.

1.5. O Espírito Santo impele à missão

As aparições aos discípulos, o envio e a efusão do Espírito são momentos **ligados entre si**. João apresenta-os num único acontecimento (cf. Jo 20, 19-22); em Lucas o envio dos discípulos e a efusão do Espírito Santo acontecem em lugares distintos (cf. Lc 24, 46-49; Act 1, 3-8).

As experiências pascais dos discípulos **desencadearam a missão cristã, a saída para o mundo**. Os discípulos viveram os encontros com o Ressuscitado como irrupção prometida, última e definitiva do Espírito de Deus no mundo, e sentiram-se chamados e enviados pelo Ressuscitado a serem testemunhas do acontecimento Pascal até aos confins da terra.

Os relatos de aparições expressam o mandato missionário de Jesus. De modo lapidar, o final do Evangelho de Mateus resume esse mandato: “Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra. Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos” (Mt 28,18-20).

Se o ministério de Jesus, na sua existência terrena, se limitou a Israel, agora a missão dos discípulos, ao serviço do seu Senhor Ressuscitado, estende-se a **todos os povos**.

1.6. Nova vida - Nova Comunidade

O impulso do Espírito teve efeito visível entre os seguidores de Jesus da comunidade de Jerusalém e, a partir do Pentecostes e da força do Espírito Santo, em todos os que recebiam a Boa Nova, residentes na Palestina e noutras regiões. Nesse dia, estavam em Jerusalém: “Partos, medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia da Capadócia, do Ponto e da Ásia...” (Act 2, 9). Era visível a vitalidade com que os cristãos da primeira geração assumiram, pela pregação dos discípulos, os ensinamentos de Jesus e, sobretudo, o testemunho que d’Ele receberam, como se pode constatar nas narrações expostas no livro dos Actos dos Apóstolos.

Em três passagens sumárias do livro dos Actos dos Apóstolos (Act 2,42-46, Act 4,32-35 e Act 5,12-15) é descrito o modo de vida da primeira comunidade, focado nas várias dimensões da vida: “Eram assíduos ao ensino dos apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações... todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum... frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração” (Act 2, 42-46).

Para dialogar:

- Que momentos da vida de Jesus são evocados na (s) oração(ões) da Igreja?
- A oração eclesial, pessoal ou comunitária, é mais dirigida a Jesus ou aos santos?
- Os momentos orantes comunitários são mais expressivos na Quaresma ou na Páscoa?

2. Orar com(o) Jesus

Viver como Jesus ensinou e anunciar o seu estilo de vida, o seu modo de relação com os outros era, nos primeiros tempos, e continua a ser, tarefa e missão de todos e de cada cristão. **A oração, individual, comunitária e sobretudo a oração litúrgica**, é raiz e meta dessa vivência, desde Jesus, o Orante do Reino de Deus, pelos séculos, como tão clara e assertivamente afirmou a Constituição Litúrgica do Vaticano II: “A liturgia é o cume para o qual se dirige a actividade da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde provém toda a sua força “ (SC 10). Sendo a Liturgia a expressão máxima da oração da Igreja, deduz: a oração está no centro da vida cristã.

2.1. Jesus, o Orante

A oração de Jesus compreende-se no **contexto do povo judeu**, a partir da família piedosa onde nasceu (cf. Lc 2,1-52). Rezava em determinados **luga-**

res, tempos próprios e modalidades habituais da religião judaica. Nas Sinagogas, no Templo, nas festas, cantando salmos, hinos, escutando a *Torah*, recitando as profissões da fé judaica, o *Shemá* (cf. Mc 12, 29-30), o *Hallel* (Sl 113-118) quando se celebrava a ceia pascal. Jesus, porém, introduz um novo significado à oração e, inclusive, sem abandonar em absoluto o estilo de oração da tradição do seu povo, ensina os seus discípulos a orar.

São várias as menções bíblicas que referem a oração de Jesus ao Pai: **a acção de graças**, perante os 72 discípulos (cf. Mt 11,25-26; Lc 10, 21-22); a **oração do Getsémani** (cf. Mt 26,39; Mc 14,35-36); a **oração na cruz** (cf. Mt 27,46; Lc 23,34); **na ressurreição de Lázaro** (cf. Jo 11,41); a **oração sacerdotal** (cf. Jo 1-26). A oração está presente nos momentos das grandes decisões, como o chamamento dos apóstolos, e nos acontecimentos reveladores da sua missão messiânica, como no Baptismo, na Transfiguração, antes da confissão de Pedro e antecedendo os grandes sinais e milagres.

Os evangelhos referem que Jesus orou noutros momentos igualmente relevantes, sublinhando que buscava o silêncio, lugares isolados, o monte, de manhazinha (cf. Mc 1,35) ou ao anoitecer até de madrugada (cf. Mt 14, 23-25; Lc 6,12).

2.2. Jesus, Mestre da Oração – o Pai Nosso

Jesus imprime ao acto de orar a Deus uma profunda novidade, quer no conteúdo da oração quer no modo de orar, revelando, assim, a Sua íntima relação com o Pai, do Pai com o ser humano, de tal forma que pode, inclusive, ser chamado **Abbá, Pai**.

Jesus ensinou a rezar com o seu exemplo, com a sua palavra e recomendou aos seus ouvintes: “Orai” (Mt 5,44; Lc 6,28), indicando aos discípulos como deve ser a oração, o espírito e disposição interior e exterior com que deve orar-se. A oração é **necessária** (cf. Lc 18,1), humilde (cf. Lc 18,9-14), **atenta** (cf. Lc 21,36), **perseverante e confiada na bondade do Pai** (Lc 11,5-13), **pura de intenções**, concordante com a bondade de Deus (cf. Mt 6,5-8).

Advertiu, todavia, que terá de existir **relação entre vida e oração**, quando há conflito ou desavença com o irmão: “Se fores apresentar uma oferta sobre o altar e ali te recordares que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta e vai, primeiro, reconciliar-te com o teu irmão” (Mt 5, 23-24).

Sobre o modo e atitude a evitar, quando se faz oração, Jesus também ensinou que **não deve ser como a dos fariseus** (cf. Lc 18,9-14), nem abundante em palavras (cf. Mt 6,7-8).

Quanto à **oração pessoal e comunitária**, o ensino de Jesus resume-se em duas passagens: “Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e reza em segredo ao teu Pai” (Mt 6,6). A oração é discreta e realizada no silêncio; e: “onde dois ou três estão reunidos em Meu nome, Eu estou no meio deles” (Mt 18,20), manifestando a confiança da presença do Ressuscitado.

Neste âmbito, merece destaque especial a oração do Senhor, habitualmente designada: **Pai Nosso**. Ao pedido de um dos seus discípulos, Jesus ensinou-nos a orar, proporcionando-nos uma forma de oração que se tornou a oração modelo de todo o NT: **a oração do Senhor ou Pai Nosso** (Mt 6,9-13; Lc 11,2-4). A versão de Mateus, mais longa, a que hoje oramos, sempre foi usada na tradição litúrgica, é dirigida aos cristãos provindos do judaísmo; a de Lucas, mais breve, concisa, é dirigida aos cristãos de origem pagã.

O Pai Nosso é uma oração sintética em palavras e ordenada, que **exprime a riqueza de todo o ideal religioso, em termos simples e profundos**. Como registou Tertuliano (séc. II-III): «a oração dominical é verdadeiramente o resumo de todo o evangelho». Nela, aproximamo-nos com toda a confiança filial do Pai, porque assim nos foi revelado pelo Filho, Jesus, estabelecendo, assim, uma relação totalmente nova com Deus: Ele é Pai-Nosso'. A Igreja de Cristo é comunhão de filhos, uma multidão de irmãos com “um só e uma só alma” (Act, 32).

Porque totalmente confiantes no Pai, louvamo-Lo, Ele que está nos céus, concebido não como lugar mas como modo de ser/agir, não distante, mas próximo do coração humilde, contrito e dirigimos-lhe os nossos pedidos.

Assim, o Pai Nosso contém sete petições:

- “Santificado seja o vosso nome” – louvor que reconhece Deus como O Santo;
- “Venha a nós o vosso Reino” – A Igreja intercede para que o Reino de Deus cresça, já hoje, aqui e agora;
- “Seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu” – Pedimos a Deus que o Seu desígnio de bondade se realiza plenamente na terra, como no céu;
- “O pão nosso de cada dia nos dai hoje” – Ao pedir o alimento quotidiano, pedimos também a graça de saber agir com justiça e em espírito de partilha;
- “Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” – Reconhecemo-nos pecadores, esperamos a sua misericórdia se também nós perdoamos;
- “Não nos deixeis cair em tentação – Pedimos que não nos abandone na hora da tentação;
- “Mas livrai-nos do mal” – O mal é o pecado, já perdoado por Cristo, mas pedimos que a família humana seja libertada de tudo o que é mal e viva na paz.

Terminada a oração dizemos “Ámen”, subscrevendo com esta palavra, que significa ‘assim seja’, o conteúdo de toda a oração que Jesus ensinou (cf. CIC, 2759-2865)

2.3. A oração dos primeiros cristãos

Uma das características da igreja primitiva era a regularidade e centralidade de que a oração ocupava nas suas vidas. Os apóstolos, testemunhos que viram, escutaram e conviveram com Jesus, transmitiram-nos as fórmulas e atitudes desse povo orante e o novo espírito da oração que aprenderam com o Mestre.

2.3.1. Lugares e tempos de oração

O **Templo e a Sinagoga** continuaram a ser, para a igreja primitiva e durante os primeiros decénios, os lugares habituais da oração. Não houve uma

ruptura imediata com o templo e, segundo os evangelhos, após a Ascensão “voltaram para Jerusalém com grande alegria. E estavam continuamente no Templo a bendizer a Deus” (Lc 24,53).

Com frequência, os apóstolos reuniam-se no pórtico de Salomão, de onde ensinavam e anunciavam a Boa Nova, como antes fizera Jesus (cf. Jo 10,23). Também Paulo, primeiramente, frequentava o Templo e iniciou a sua pregação em reuniões da Sinagoga: em Salamina, Icónio, Tessalónica, Corinto e Éfeso (cf. Act 21,23; 13,5; 16,13). Quando era necessário, os cristãos reuniam-se em casa de algum de entre eles, que tivesse espaço suficiente para a reunião, sobretudo para a **fracção do pão, a Eucaristia** (cf. Act 20,7)

Os primeiros cristãos observavam também **os tempos e horas judaicas** para a oração. Pedro e João sobem ao Templo para a oração da tarde (cf. Act 3,1), curando um homem que ali pedia esmola. Apesar de seguir os ritmos temporais e espaciais judaicos, a comunidade apostólica atribui um novo espírito que o Senhor incutira à oração, acrescentando novidade ao realizar, num dos momentos nocturnos de oração, a Ceia Eucarística (cf. Mt 26,20).

2.3.2. Fórmulas de oração da comunidade primitiva

Apesar de, por largos anos, seguirem os costumes judaicos, os irmãos foram gradualmente abandonando essas fórmulas, substituindo-as pelo **Pai Nosso**, e outras orações de teor cristão, como refere um documento, não bíblico mas fulcral, de finais do séc. I, a **Didaqué**. Paulo exortava, também, os Colossenses a que dessem graças (Col 3,16) com salmos, hinos e cânticos inspirados.

À semelhança de Jesus, também os primeiros cristãos rezavam os salmos, considerados como profecia de Cristo e inspirados pelo Espírito Santo. Porém, se, num primeiro momento, a comunidade cristã rezava os salmos no modo e em sentido judaico, sinagoga, gradualmente vão adquirindo uma nova luz que se projecta não só sobre a vida histórica de Jesus e da Igreja, como também sobre as realidades salvíficas que estão para vir. A oração

dos salmos assumiu, assim, uma tríplice perspectiva: **cristológica, eclesial e escatológica**, que manteve.

Os cristãos da primeira geração entoavam também **hinos, doxologias** (confissões de fé e aclamações) e **bênçãos**. As cartas de Paulo fazem referência a esse facto e descrevem algumas (cf. 1Tim 3,16), de modo particular, as doxologias e as bênçãos, no início de algumas cartas. Eram autênticas sínteses de teologia trinitária, dirigidas ao Pai, ou ao Pai com referência ao Filho e no Espírito. (cf. Gal 1,5; Rm 1,25; 2 Cor 11,31 e outras). Algumas eram dirigidas só ao Filho, como em 2 Pd 3,18: “A Cristo seja dada glória, agora e até ao dia eterno. Ámen”.

2.4. A dimensão orante da Igreja (cf. CIC 2623 – 2758)

O verdadeiro orante é Cristo Jesus, não só durante a sua vida terrena, como referem os evangelhos, mas, agora, como Senhor Glorioso. A Igreja une-se a essa oração a Cristo, dirigida ao Pai, movida pelo Espírito Santo.

A oração cristã é **pessoal, comunitária e eclesial** e, além da **Eucaristia** e celebração dos sacramentos – o modo mais elevado de oração – a **Liturgia das Horas** é uma forma de oração eclesial que os ministros ordenados assumem como dever e que muitos cristãos fazem regularmente: Laudes (pela manhã), Vésperas (pela tarde) e Completas (à noite).

“A Eucaristia contém e exprime todas as formas de oração: é a ‘oblação pura’ de todo o Corpo de Cristo ‘para glória do seu nome; é, segundo as tradições do Oriente e Ocidente, ‘o sacrifício de louvor’” (CIC, 2643).

2.5. Fontes da oração e expressões orantes

As fontes principais da oração são, antes de mais, a Palavra de Deus; a Liturgia da Igreja que anuncia e actualiza o mistério da salvação, operado na Páscoa de Cristo, as virtudes teologais – fé, esperança e caridade – e as próprias situações da vida quotidiana.

Na oração cristã, ocupa lugar de destaque a **oração mariana**, em virtude da especial cooperação de Maria, Mãe de Cristo e Mãe da Igreja, na acção salvadora do Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. Ela é a **Orante perfeita**, e nenhum ser humano orou e se entregou à vontade do Pai como Maria.

Além de outras mais populares, a **Avé Maria** é oração mediante a qual a Igreja pede a sua intercessão, e o **Rosário**, nos quatro tipos de mistérios – gozosos, dolorosos, gloriosos e luminosos – são das formas de oração marianas mais expressivas. O Rosário é, simultaneamente, oração mariana e cristológica, na medida em que se meditam os momentos mais marcantes da vida do Filho. Também o hino *Akathistos* canta o mistério da Encarnação do Verbo, operado em Maria, até à Parusia, a última vinda de Cristo.

No que concerne às **expressões da oração**, elencamos:

- a **oração vocal**, que associa o corpo à oração do coração. Brota de uma fé pessoal. O Pai Nosso é, por assim dizer, a fórmula mais perfeita da oração vocal;

- **A meditação**, reflexão orante que parte sobretudo da Palavra de Deus, mobiliza a inteligência, a emoção, suscita a conversão e o desejo de seguir Jesus;

- **A oração contemplativa** parte do olhar e sentimento interior sobre Deus, no silêncio. Como resumia S^a Teresa de Ávila (séc. XVI) é uma relação íntima de amizade, “em que muitas vezes dialogamos a sós com Deus, por Quem sabemos ser amados”.

A oração e a vida nunca deverão estar separadas: “quer comais, quer bebaís, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus” (1 Cor 10,31)

Para dialogar:

- Quais as dificuldades, na vida actual, que mais impedem a oração e propostas de a activar?
- Como promover, nas comunidades e famílias, momentos de oração?
- Algum (uns) testemunho (s) de oração comunitária...

3. Compromisso e oração final

Compromisso – Sempre que possível, participar na Eucaristia diária, e reservar um tempo de oração mariana. Programar a vida para a participação regular Eucaristia Dominical, a oração suprema da Igreja, “o coração da vida da Igreja”.

Orar o Salmo 148, alternando cada estrofe com um Aleluia.

TEMA 2 – JESUS DE NAZARÉ, O CRISTO, O NOSSO SALVADOR

1 - Acolhimento

No momento de acolhimento, deverá ser entregue um papel colorido a cada participante para que se vá preenchendo ao longo da sessão, conforme as questões finais de cada tema.

2 - Experiência humana

Neste momento deverá ser aberto um período de diálogo aberto a todos sobre a realidade da fé e a importância da mesma na vida de cada um...

- O que é o ser humano e que dificuldades se vão encontrando? Precisa o ser humano de Cristo e da Sua redenção?

O ser humano vive sob limites inerentes à sua condição, num verdadeiro chamamento à santidade, mas é necessário que esses limites sejam reconhecidos de modo a serem ultrapassados. O problema é que esses limites só são reconhecidos nos momentos extremos da vida, quando os sonhos e as perspectivas de futuro são colocados em causa. A vida deveria ser alimentada pela certeza de que se faz caminho com o Senhor, pois basta pensar na atitude de Deus para com o ser humano diante do pecado de Adão e Eva. Estes não são abandonados à sua sorte, mas são cuidados e alimentados com o profundo desejo de regresso à plena comunhão com o Senhor.

Muitos são os momentos em que se necessita de ajuda e, num mundo em que parece não se necessitar de Deus e de Jesus, é fundamental que os cristãos redescubram continuamente a alegria de seguir Jesus, alimentando a sua fé e rejuvenescendo continuamente o espírito missionário em cada um. Na medida em que se reconhece Jesus como Salvador, cresce o desejo

de fazer com que Ele seja importante para todos, porque todos necessitam Dele e da Sua redenção.

Questões para diálogo:

Qual é lugar de Deus na minha vida? Sinto necessidade da Sua ajuda e da Sua graça? A experiência de Cristo Salvador faz parte da minha vida? Em que momentos?

3 - A História da Salvação

A Sagrada Escritura alimenta-se e compreende-se a partir do esforço de aproximação de Deus para com a humanidade, separada pelo pecado. Desta forma, a espera do Salvador é uma constante do povo de Israel e do Antigo Testamento porque esta espera está entre as promessas divinas. Deste modo, o crente deverá considerar continuamente a realidade da História da Salvação, isto é, de todo o esforço que Deus opera para entrar não só na história, mas, sobretudo, no coração do ser humano, sempre numa proposta libertadora. Na mesma linha, o Novo Testamento faz com que se toque a profundidade do projeto criador de Deus, já que o ser humano redimido em Cristo Jesus se assume como uma verdadeira construção permanente. O cristão acredita que, em todos os momentos, se faz caminho para Deus, mesmo nos momentos mais complicados e mais instáveis, sendo que tudo é oportunidade de encontro e de transformação interior.

Em primeiro lugar, será necessário definir o conceito de História de Salvação, algo que pode ser feito do seguinte modo: «A história da salvação define-se pela série de intervenções de Deus que interferem na história dos homens. Essas intervenções sucedem não pela necessidade dos tempos ou das circunstâncias, mas pela livre iniciativa divina que dispõe dos tempos e dos momentos que julga mais apropriados para romper o seu silêncio e aparecer, emergindo desde o fundo da sua presença silenciosa» (L. RUBIO, El misterio de Cristo en la Historia de la Salvación, pág. 241). Numa antropo-

logia cristã, apenas se pode olhar para o ser humano a partir da perspectiva de Cristo Jesus e de um caminho que se deseja em constante relação com a divindade e a transcendência.

Acreditamos que, em Jesus, se cumprem as promessas messiânicas. Ele é o Salvador, o Messias. A verdade é que esta expressão pode parecer banal e repetitiva, como se fosse o óbvio para todo o cristão, e deveria ser. Contudo, será necessário que cada um reconheça que o ato de acreditar em Jesus faz parte de um caminho de constante descoberta da Sua pessoa, algo em que não existe um resultado ou meta final, já que é complementado ou transformado ao longo da vida pelo surgimento de idiosincrasias pessoais, sociais ou eclesiais, sempre na necessária busca de sentido.

A realidade humana deve abrir-se continuamente a Cristo como esforço constante para realizar uma verdadeira peregrinação. O discípulo de Jesus não pode fechar um caminho como se o encontro com o Senhor fosse uma realidade fechada, mas perceber a importância de continuar a descoberta.

Questões para diálogo:

Qual a minha relação com a história da salvação? Será que reconheço a minha realidade humana com a ação de Deus e a redenção?

4 - A busca de Deus – desejo permanente

Antes de mais deveremos denotar aquela que é uma conclusão básica de Santo Agostinho quando assume e vive a sua conversão ao cristianismo, reconhecendo que tinha vivido uma busca de Deus e do divino, numa constante fonte de sentido e de vida nova. Esta busca de sentido e de vida havia sido deturpada em caminhos nem sempre corretos. Deste modo, o ser humano caminha num verdadeiro desejo de transcendência, um caminho verdadeiramente natural. Na verdade, quanto mais o homem se afasta de

Deus, mais vai reconhecendo a sua situação de “ser religioso”, mesmo que sejam “religiões” de outra índole como o desporto ou a política.

Por isso mesmo começa o Catecismo da Igreja Católica por afirmar o seguinte no art. 27: «O desejo de Deus é um sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair o homem para Si e só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que procura sem descanso: “A razão mais sublime da dignidade humana consiste na sua vocação à comunhão com Deus. Desde o começo da sua existência, o homem é convidado a dialogar com Deus: pois se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele, e por amor, constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e não se entregar ao seu Criador”.»

Da tensão para o transcendente, de uma busca vertical da vida, é necessário que se faça uma análise pessoal ao caminho percorrido por cada um. Pode parecer que exista menos propensão do homem moderno para o divino ou para o transcendente, mas a verdade é que o mesmo ser humano vive em busca de substitutos de Deus. Deste modo, o mesmo Catecismo da Igreja Católica afirma o seguinte no art. 28: «De muitos modos, na sua história e até hoje, os homens exprimiram a sua busca de Deus em crenças e comportamentos religiosos (orações, sacrifícios, cultos, meditações, etc). Apesar das ambiguidades de que podem enfermar, estas formas de expressão são tão universais que bem podemos chamar ao homem *um ser religioso*: Deus “criou de um só homem todo o género humano, para habitar sobre a superfície da terra, e fixou períodos determinados e os limites da sua habitação para que os homens procurassem Deus e se esforçassem realmente por O atingir e encontrar. Na verdade, Ele não está longe de cada um de nós. É n’Ele que vivemos, nos movemos e existimos” (At 17, 26-28).»

A verdade é que o ser humano necessita do divino e de uma relação com algo que o ultrapasse, melhor dizendo, o transcenda. Mesmo para um descrente existe a necessidade de abertura a algo verdadeiramente transcendente, com o perigo de que esse transcendente possa ser substituído por

caminhos ilusórios e fomentadores de divisão e discórdia. Isto quer dizer que, na base da caminhada humana, deve estar a busca genuína do divino e do transcendente pois, sem ele, perde-se o horizonte de esperança que alimenta e dá sentido à vida.

Questões para diálogo:

Fomento a necessidade do divino em todos aqueles que me rodeiam? De-sejo viver uma fé verdadeira, lógica e fundamentada ou prefiro um simples fideísmo que apenas alimenta o imobilismo?

5 - O Antigo Testamento resposta primária à busca do ser humano

Antes de chegarmos a Jesus Cristo, será necessário compreender a relação de Deus com o povo de Israel e as diversas manifestações de Deus no Antigo Testamento, nomeadamente junto de Moisés. Isto quer dizer que, na base da fé cristã, existe a noção de que Jesus não é uma “ilha” na relação de Deus com a humanidade, mas fruto de um caminho preparatório para que o povo de Israel o pudesse compreender e aceitar verdadeiramente.

Antes de mais, cada um deve ter presente a certeza de que o povo de Israel, antes de reconhecer o Deus Criador, sente e vive a realidade do Deus Libertador e Salvador. Isto quer dizer, em sentido muito simplista, que, antes do Livro do Génesis deverá compreender-se toda a dinâmica do Livro do Êxodo onde se toca o coração compassivo do senhor e a Sua ação libertadora. A libertação da escravidão do Egito e a travessia do Mar Vermelho assumem-se como os momentos fundantes do Povo de Israel, o seu verdadeiro ADN, momentos em que se estabelece uma relação de proximidade do povo com Deus, um Deus que liberta e devolve a esperança ao ser humano, neste caso ao povo que deverá ser fermento de um mundo novo.

Deste modo, será essencial começar por contemplar a passagem do diálogo e do chamamento de Moisés e a apresentação do nome divino (Iahweh) pre-

sente no capítulo 3 do livro do Êxodo como a grande imagem de Deus, isto é, a imagem que marca toda a construção de Israel como povo eleito. Nesse momento, contempla-se um Deus próximo, ao ponto de sentir a dor do povo e manifesta-se o modo como o Senhor encara as dores e as expectativas do ser humano, nomeadamente a necessidade de encontro e de salvação que todos deverão sentir. Essa proximidade e essa compaixão permite partir para a descoberta de Jesus Cristo, manso e compassivo de coração. Por isso mesmo, torna-se fundamental a resposta do ser humano à interpelação de Deus e a descoberta do divino como fonte de transformação do coração.

Isto quer dizer que o Antigo Testamento não é um vazio, mas a fonte de toda a perspetiva neotestamentária, sendo a partir dele que se pode compreender em plenitude a pessoa de Jesus Cristo. Assim, poderemos concluir do seguinte modo: «O objetivo que Deus quer ao conduzir a humanidade através da história é a união dos homens com Deus que se manifesta, de forma peculiar, no Antigo Testamento. Com efeito, nele Deus chama ao seu povo como o esposo e a esposa, de tal forma que o Antigo Testamento é a base da religião cristã. Assim, o cristianismo não vem abolir a força interna e a doutrina da Antiga Lei, mas vem completá-la e realizá-la (Mt 5, 17; Rom 3, 3). Todo o dinamismo do Antigo Testamento radica no facto de que tende para o Novo Testamento para adquirir nele a sua plenitude e expansão.» (S. Pié-Ninot, *La Teología Fundamental*, pág. 264)

A perspetiva cristã da vida e da salvação em Cristo depende significativamente do que se pode encontrar em todo o texto veterotestamentário e os 46 livros do Antigo Testamento tornam-se incompreensíveis e ininteligíveis sem a pessoa de Jesus Cristo e a Sua redenção.

Questões para diálogo

Tenho o hábito de ler o Antigo Testamento? Enquadro Jesus no contexto do povo de Israel? Percebo a caminhada do povo de Israel e a semelhança, nomeadamente na sua infidelidade, com a minha história pessoal de vida?

6 - Jesus, imagem perfeita de Deus

«O ponto a que quero chegar é simplesmente o de que, pelo reconhecimento *do impacto que Jesus causou, como é atestado pela tradição de Jesus, ainda podemos ter a esperança de sentir parte desse impacto hoje.*»

(James D. G. Dunn, Uma nova perspectiva sobre Jesus)

O Povo de Israel foi criando expectativas acerca da figura messiânica. Expectativas essas que nem sempre se coadunaram com a proposta redentora e salvífica que se encontra expressa no Antigo Testamento, nomeadamente nas promessas proféticas. Deste modo, é necessário reconhecer que Jesus se assume como um Messias diferente do que era procurado pelos judeus, sobretudo os que tinham algum tipo de poder e responsabilidade no meio social. Essa mesma dificuldade é encontrada na postura dos Doze em várias ocasiões do seu relacionamento com o Senhor (pode-se ver, simplesmente a título de exemplo, o pedido da mãe dos filhos de Zebedeu (Mt. 20, 20-24), significativamente diferente da nossa perspectiva hodierna sobre a verdadeira missão de Jesus).

No entanto, o ponto de partida deve ser sempre aquela primeira fé dos discípulos sobre Jesus, aquele toque que os levou a abandonar a sua vida e os seus projetos pessoais para seguir aquele Mestre, isto é, a fé que os discípulos colocam na pessoa de Jesus Cristo antecedente à realidade da Ressurreição e a uma visão mais escatológica da vida. Algo haveria na pessoa *humana* de Jesus para causar impacto na vida dos seus discípulos ao ponto de os fazer abandonar tudo em prol de uma causa e de uma missão.

Deste modo, temos de olhar para Jesus a partir daquilo que Nele se distingue das ambições humanas, mesmo das ambições humanas que predominam no desejo da comunidade eclesial. Daí ser necessário alterar o modo como olhar para a pessoa de Jesus e para o modo como ela pode transformar a vida dos seus discípulos: «Jesus de Nazaré, o Messias, o Cristo, o Ungido, vive, pensa, age, fala, opta, ensina, chama, perdoa, exige, sofre, morre e

ressuscita no horizonte messiânico do Reino de Deus que irrompe n'Ele, que Ele inicia e proclama estar próximo: o Evangelho, a Boa Nova, é a Boa-Nova do Reino; as parábolas são as parábolas do Reino; os milagres são os sinais do Reino; o seu perdão é o dom do Reino; a conversão e a fé, opção por Jesus, são a entrada no Reino; a sua morte é a entrega pelo Reino; a sua ressurreição é o início da consumação do Reino; a Igreja, Comunidade de Jesus, é a Comunidade do Reino, etc.

Só no contexto do Reino, portanto, Jesus, a sua mensagem e a sua vida, a sua missão, a sua Pessoa, podem ser entendidas. Mas que é o Reino? Qual é a Mensagem de Jesus? Que é Jesus de Nazaré?» (A. VAZ PINTO, Revelação e Fé I – fundamento e conteúdo da fé cristã para o homem de hoje, pág. 203)

Jesus Cristo é um Messias diferente dos projetos meramente humanos, mas também se assume como uma figura verdadeiramente impactante. Daí que seja normal e obrigatório ver/conhecer Jesus naquilo que ele seria, o chamado Jesus Histórico, antes de olharmos para a realidade da Ressurreição e a vivência de uma perspectiva de Reino que em momento algum pode ser visto de uma perspectiva humana.

Três são os modos de olhar para Jesus segundo a perspectiva da tradição judaica: Jesus como Profeta, Sacerdote e Rei. Estes são elementos fundamentais para compreendermos a realidade de Jesus Cristo. Jesus não é o Messias que era esperado ou, melhor dizendo, que era ansiado pelos hebreus como forma de corresponder aos anseios históricos e políticos. Contudo, é necessário olhar para Ele como imagem daquilo que o ser humano anseia para corresponder a uma profunda busca de sentido.

Cristo é um profeta na medida em que anuncia a Palavra de Deus e chama a uma conversão permanente e profunda ao Senhor. O ser humano, ao confrontar a Palavra de Deus com a sua vida, não pode ser artificial ou vazio, mas deve assumir uma necessária transformação da vida e a geração de um novo horizonte de luz para a existência.

O Nazareno assume-se como sacerdote numa dimensão totalmente diferente do sacerdócio levítico tradicional em Israel, mas no sentido de ser a ponte entre Deus e a humanidade, numa dinâmica pontifícia. Jesus é um sacerdote não por oferecer sacrifícios, seguindo a tradição judaica e de outras tendências religiosas, mas porque Ele próprio é o sacrifício.

Por fim, Jesus Cristo é Rei, não como Rei David ou outros reis poderosos, como Ele próprio aponta a Pôncio Pilatos ao dizer que o Seu reino não é deste mundo, mas como Aquele que interpela a uma nova dimensão e a um novo sentido que se manifesta na simples construção do Reino de Deus. Deste modo, Jesus recusa a realeza messiânica pervertida pelas tentações e perspectivas humanas. O caminho assumido por Jesus é diferente do esperado pelo ser humano e seguiu-Lo, tal como refletem as Bem-Aventuranças (cf. Mt 5, 1-12), implica um olhar diferente sobre o mundo e o próprio ser divino, baseando-se na entrega, doação e serviço.

Cristo assume-se, por isso mesmo, como a imagem perfeita de Deus na medida em que é o exemplo e o testemunho de um caminho alternativo marcado pela pobreza, pela humildade, pelo serviço, pela verdade e pelo amor. O caminho proposto por Jesus, o caminho do Reino, é um caminho que implica o desejo de santidade, isto é, a busca do aperfeiçoamento do indivíduo em ordem a uma realidade superior, transcendente e, deste modo, pode-se afirmar: «Jesus de Nazaré é o Messias-Rei, mas um Messias diferente e escandaloso, pobre, humilde, servidor e sofredor: fiel à verdade, à denúncia de todo o mal e ao anúncio da Boa Nova, fiel ao Amor, obedecendo livremente ao Pai, até à “morte e morte de Cruz” (Fl 2, 8), e amando até ao fim, até ao amor dos inimigos (Lc 23, 34).» (A. VAZ PINTO, Revelação e Fé I – fundamento e conteúdo da fé cristã para o homem de hoje, pág. 225)

Estamos diante de um Messias diferente, promotor de uma nova visão sobre o mundo e sobre o ser humano, mas essa perspectiva não pode ser afastada da compreensão que a fé na Sua Filiação divina traz à existência humana e cristã, provocando o seguimento dos discípulos. Deste modo, podemos concluir como W. Kasper: «A palavra rica e misteriosa sobre o Filho do homem

apresenta Jesus como o representante escatológico de Deus e do seu Reino, assim como representante dos homens. Nele e por Ele, na Sua pessoa e no Seu destino se decide a causa de Deus e dos homens. Traz e é a graça e o juízo de Deus. A partir da palavra do Filho do homem podem compreender-se os desenvolvimentos essenciais da cristologia pós-pascal e provar que são legítimos: a cristologia do sofrimento e a exaltação, e a esperança do regresso, a importância pessoal de Jesus e a sua importância universal.» (W. Kasper, Jesús, el Cristo, pág. 183)

Descobrir Jesus torna-se, para todo o crente, uma verdadeira aventura, caminhando em união com a descoberta da divindade. Apenas se inicia um caminho, já que a meta é a vivência da Sua pessoa em plenitude...

Questões para diálogo:

Como olho para Jesus? O que é que Ele traz à minha vida? Como é que, com a Sua ajuda, olho para a morte ou a vida, a saúde ou a doença, a vitória ou a derrota? Sinto que conheço bem a pessoa de Jesus Cristo?

8 - Jesus Ressuscitado. Busca e encontro com o projeto salvífico

«Com a morte violenta e vergonhosa de Jesus na Cruz, parecia que tudo tinha acabado. Também os discípulos de Jesus entenderam a sua morte como o fim das suas esperanças. Defraudados e resignados, voltaram às suas famílias e à sua profissão. A mensagem de Jesus sobre o reino de Deus que se tinha aproximado parecia ter sido desmentido pelo seu final. É certo que, no judaísmo de então, havia *teologumena* [conceitos teológicos] – sobretudo a ideia do sofrimento vicário do justo – que podiam ajudar a superar teologicamente a morte de Jesus; mas este havia vinculado a sua “causa”, a chegada do reino de Deus, tão proximamente à sua pessoa, que esta “causa” não podia continuar depois da sua morte. Não se podiam seguir cultivando e transmitindo as ideias e ideais de Jesus, como se fez com os de Sócrates após a sua morte. Assim, após a morte de Jesus, não se podia

continuar sem solução de continuidade com a sua “causa” nem se podia transmitir a sua mensagem libertadora como se fosse um movimento de Jesus.» (W. KASPER, Jesús, el Cristo, pág. 209-210)

Partindo deste pequeno parágrafo do Cardeal W. Kasper, percebe-se a importância da Ressurreição na compreensão da pessoa de Jesus e da sua atualidade na vida de cada cristão/cristã. Só se pode compreender a pessoa de Jesus Cristo olhando para além do que aconteceu há 2000 anos, mas também daquilo que se vive e experimenta hoje. Isto quer dizer que a fé cristã não se trata de um conjunto de ideias ou ideologias, mas de uma vida de seguimento e descoberta.

Se é verdade que o Jesus histórico, isto é, aquele que peregrinou na terra num determinado momento histórico, é fornecedor de fé e de transformação do coração para todos, também é verdade que, apenas na contemplação da Ressurreição, se pode viver uma fé que seja atualização contínua da realidade salvífica e da contemplação do verdadeiro e genuíno coração divino. Deste modo, é essencial que se contemplem e aprofundem os testemunhos da Ressurreição encontrados no Novo Testamento, compreendendo sempre o seguinte: «Os testemunhos são, no seu conjunto, nitidamente atravessados pelo tema de uma tensão originária: a de *uma incredulidade que só pouco a pouco se abre à fé*. Mas, ainda mais interessante, o testemunho do aparecer de Jesus realça uma *dialética do ver e do não ver* que, tal como a tensão entre incredulidade e fé, já mencionada, se há-de subtrair a toda a banal interpretação psicologista (ou dogmática).» (P. SEQUERI, A ideia da Fé, Tratado de Teologia Fundamental, pág. 160)

Todo o crente deverá viver nesta dialética da descoberta e da perda, do ver e do não ver, de modo que a caminhada de fé se torne dinâmica e atualize continuamente a realidade da presença e do questionamento que Jesus traz à vida concreta de cada dia. Continua Sequeri a afirmar o seguinte: «A palavra de ‘Jesus Ressuscitado’ não se limita a pedir que, ‘apesar’ da morte que Lhe foi infligida, os discípulos continuem a crer na sua verdade: insta com eles para que mergulhem e acolham a *necessidade* da sua morte como ato

decisivo para a confirmação da sua verdade; portanto, para a identificação cristológica que Ele intentava e agora atesta.» (P. SEQUERI, A ideia da Fé, Tratado de Teologia Fundamental, pág. 164)

Isto quer dizer que, na Cruz, não ‘morre’ Jesus, mas a compreensão humana de quem é Jesus, um Messias diverso do projeto de Deus; e é essencial que exista a descoberta de quem é o Jesus da Cruz e a realidade do Sepulcro Vazio. Só se pode compreender a realidade de Cristo Salvador compreendendo a Sua vida e o Seu mistério como um todo, como uma verdadeira entrada do divino na realidade do ser humano para a transfigurar e transformar a partir de dentro.

O crente deverá olhar para o mistério pascal como atualização e plenitude da pessoa de Jesus Cristo histórico, daquele “homem” que viveu historicamente no seio da humanidade, e um convite a uma peregrinação que tenha em conta a realidade de cada dia e de cada pessoa diante da vida e da morte, da vitória e da derrota. Resumindo, deve fazer-se caminho com a certeza do seguinte: «A Ressurreição é o culminar da Encarnação. Ela confirma a divindade de Cristo e, também, tudo o que Ele fez e ensinou, e realiza todas as promessas divinas em nosso favor. Além disso, o Ressuscitado, vencedor do pecado e da morte, é o princípio da nossa justificação e da nossa Ressurreição: a partir de agora, Ele garante-nos a graça da adoção filial que é a participação real na sua vida de Filho Unigênito; depois, no final dos tempos, Ele ressuscitará o nosso corpo.» (COMPÊNDIO DO CATECISMO IGREJA CATÓLICA, art. 131)

Questões para diálogo:

Como é que vivo a realidade da Ressurreição? Como encaro os mistérios celebrados no Tríduo Pascal? Permito que morra a minha compreensão de Jesus para que se erga o Salvador?

9 - Momento de oração e Compromisso

Cada pessoa é convidada a colocar as suas respostas numa caixa, que será destruída, lendo em voz alta um compromisso na descoberta da pessoa de Jesus Cristo...

Rezar em conjunto o Hino da Liturgia das Horas.

*Luz terna, suave, no meio da noite,
Leva-me mais longe...
Não tenho aqui morada permanente:
Leva-me mais longe...*

Que importa se é tão longe, para mim,
A praia aonde tenho de chegar,
Se sobre mim levar constantemente
Poisada a clara luz do teu olhar?
Nem sempre Te pedi como hoje peço
Para seres a luz que me ilumina
Mas sei que ao fim terei abrigo e acesso
Na plenitude da tua luz divina.
Esquece os meus passos mal andados,
Meu desamor perdoa e meu pecado.
Eu sei que vai raiar a madrugada
E não me deixarás abandonado.
Se Tu me dás a mão, não terei medo,
Meus passos serão firmes no andar.
Luz terna, suave, leva-me mais longe:
Basta-me um passo para a Ti chegar.

TEMA 3 - O ANÚNCIO DO REINO E AS BEM-AVENTURANÇAS

1. Acolhimento

Dar as boas-vindas, à medida que cada participante vai chegando, mostrar-lhe o lugar para se acomodarem. Estando com sorriso, pois quem acolhe alguém não deve ter uma expressão sisuda. Bem-aventurados os que sabem acolher os outros, como são e como estão. Estamos aqui para partilhar a nossa experiência de fé em Deus. Esse Deus que é Pai, Filho, Espírito Santo. Que nos ama incondicionalmente, encarnou no seio de Maria, fez-se Homem para habitar no meio de nós. Como acolhemos os outros na nossa vida? Sobre tudo os mais necessitados?

2. Experiência humana

O desejo de felicidade

Do mesmo modo que, no mundo da matéria mecanizada, todos os corpos obedecem às leis duma gravitação universal, assim também no mundo da matéria vitalizada, todos os seres organizados, mesmo os mais inferiores, se orientam e deslocam na direção que lhes traz maior bem-estar. Quando temos sede procuramos o quê? Algo que nos possa matar a sede: água fresca, sumo, um fruto. Se nos encontramos num deserto, ansiamos à procura de um oásis, uma sombra, um lugar fresco. O ser humano necessita de vários elementos da natureza e não só, para que possa sentir-se e viver feliz.

Necessita de quê? Podemos expor algumas das nossas experiências. (Espaço para diálogo)

Seríamos capazes de viver sem a água, ar, luz, amor, carinho etc.? Todos os dias, procuramos e esforçamo-nos para podermos sentir e viver felizes connosco próprios e com todos os que nos rodeiam. Se estamos doentes, procuramos o médico, e tentamos levar à risca o que o médico nos manda

fazer. Isto tudo para que nos sintamos saudáveis e felizes. Todos temos a experiência da oração que Jesus ensinou aos seus discípulos, “Pai Nosso que estais nos céus, santificado seja o vosso nome, venha a nós o Vosso reino” (Mt 6,9-10).

De um modo ou de outro, todos os dias o cristão faz este pedido a Deus. Que reino queremos pedir a Deus? Certamente, reino de paz, amor, justiça, de verdade e vida. Pelo caminho, proclamai que o reino dos Céus está perto (Mt 10,7). Como é difícil a harmonia e a concórdia, o respeito entre os homens! Não haverá paz sem a justiça e a concórdia.

A experiência que todos estamos a viver, neste momento, revela que ainda não fomos capazes de construir um mundo onde toda a criação pudesse viver sem lastimar os demais.

Desejo de uma vida na sua plenitude e desejo de felicidade

Para ser feliz é preciso, em primeiro lugar, reagir contra a tendência para o menor esforço, que nos leva a ficar quietos, no mesmo lugar ou, então, a procurar, de preferência na agitação exterior, a renovação das nossas vidas. Para ser feliz, é preciso reagir contra o egoísmo que nos empurra tanto a fechar-nos em nós mesmos quanto a colocar os outros sob a nossa dominação. Ninguém é feliz sozinho. Da tua felicidade depende a minha.

O desejo de felicidade já nasce com o ser humano. Este desejo é de origem divina. Deus pô-lo no coração do homem e da mulher, para os atrair a Si, o único que o pode satisfazer: «todos nós, sem dúvida, queremos viver felizes e não há, entre os homens, quem não dê o seu assentimento a esta afirmação, mesmo antes de ela ser plenamente enunciada» (*Santo Agostinho*). «Como é então, Senhor, que eu, Te procuro? De facto, quando Te procuro, ó meu Deus, é a vida feliz que eu procuro. Faz com que Te procure, para que a minha alma viva! Porque, tal como o meu corpo vive da minha alma, assim a minha alma vive de Ti». (S. Agostinho).

A fim de melhor compreendermos como se põe, para nós, o problema da

felicidade, e por quê, perante ele, somos levados a hesitar, é indispensável, para começar, um olhar global, quer dizer, distinguir três atitudes iniciais, fundamentais, adotadas de facto pelos homens face à vida. (*Pierre Teilhard de Chardin*).

Uma comparação nos poderá ajudar. Imaginemos uns excursionistas lançados à escalada dum cume difícil; e consideremos o grupo, algumas horas depois da partida. Nesse momento, podemos imaginar a equipa dividida em três tipos de atitudes. Há os que lamentam ter deixado o albergue. A fadiga, os perigos, parecem-lhes desproporcionadas para o interesse do sucesso. E decidem voltar para trás.

Outros não lamentam a partida. O sol brilha, a vida é bela!... mas por quê subir mais? Não é melhor gozar da montanha, aqui onde se está, em prado aberto ou no pleno bosque? E vá de se estender na relva ou então explorar os arredores, à espera da hora do piquenique. Outros, finalmente, os verdadeiros alpinistas, não despegam os olhos dos cumes que se tinham jurado atingir. E retomam a escalada. Os cansados, os de boa vida, os ardorosos. Eis os três tipos de homem que cada um de nós leva em germe dentro de si e, entre os quais, na verdade, se divide desde sempre a Humanidade que nos rodeia. E porquê a decisão de escalar as montanhas, uma tarefa tanto quanto difícil, mesmo para quem é experiente no assunto? Não será para, no final, sentir o gozo e a alegria de estar no cimo da montanha, com a convicção de se ter esforçado e que valeu a pena pela alegria de ter conseguido?

3. O Reino de Deus no Antigo e no Novo Testamento

Falar do Reino de Deus no Antigo Testamento é centrar-nos nos primeiros livros da Bíblia. O reino está bem presente no Antigo Testamento, Deus apresenta-se como Rei-Pastor do Seu Povo. Israel era o reino a pertença de Javé, entendido, a princípio, em sentido material. O Senhor reinará eternamente e para sempre Ex 15, 18; as infidelidades dos reis, a divisão do reino

e o exílio permitiram a espiritualização do conceito do Reino, despertando esperança para uma realização definitiva do reinado de Javé nos tempos escatológicos (Miq 2, 13); dilatado é o seu império com uma paz sem limites, sobre o trono de David e sobre o seu reino, (Is 8,6).

No antigo Oriente, a designação de um deus como “rei” estava muito propagada. A divindade exerce sua soberania sobre seu povo e seu território. Deus é dono do país, outorga prosperidade e bem-estar, corrige e castiga. A queda do reino terreno era a prova de que aquele deus não existia. O reino terrestre é a epifania ou manifestação do deus daquele reino. Se formos ver o relato do reino de Deus no Antigo Testamento, encontramos vários tipos de relatos deste acontecimento que passamos a enumerar: “reino de Deus” e “reino dos Céus” são, em essência, a mesma coisa. A ideia geral do reino de Deus é o governo ou reinado de Deus.

Por um lado, refere a subida de Moisés ao monte Sinai para dar a Lei ao povo (cf. *Ex* 19,3;24,18). Tal como Moisés, Jesus sobe ao monte, a fim de dar a nova Lei. Mas, ao contrário de Moisés, que avisou que quem se aproximasse do monte morreria (cf. *Ex* 19,12-13), os discípulos podem aproximar-se de Jesus pois é dele que recebem a verdadeira vida.

Mas, é no Novo Testamento que o Reino de Deus é omnipresente; aparece quase cem vezes na boca de Jesus, enquanto a Igreja só é mencionada duas vezes e apenas em Mateus (cf. *Mt* 16,18; 18,17). O que mostra sua preponderância em relação à Igreja. Jesus não pregou Deus, mas o Reino de Deus. E esta é a novidade. O Deus de Jesus Cristo é o Deus do Reino. Pois é a missão que veio realizar na terra, é Ele o único Rei que veio para reinar. Do monte, Jesus “vê” a humanidade sofredora com o olhar de Javé, conhecendo o íntimo do seu coração (1Sm 16,7), a sua escravidão e sofrimento (cf. *Ex* 3,7).

O que é o Reino de Deus? O Senhor Deus dar-lhe-á o trono de seu pai David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o Seu reinado não terá fim (*Lc* 1,32-33). Como vemos, aqui já nos situamos no Novo Testamento onde

este reino é a pessoa de Jesus Cristo, Filho de Deus vivo. Podemos analisar as bem-aventuranças, no Evangelho de Mateus (5,1-12). Ao ver as multidões, Jesus subiu ao monte e sentou-se. Aproximaram-se dele os discípulos e Ele começou a ensina-los, dizendo:

«Bem-aventurados os pobres em espírito porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados os que choram porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos porque herdarão a terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão saciados. Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os puros de coração porque verão a Deus. Bem-aventurados os que promovem a paz porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça porque deles é o reino dos Céus. Bem-aventurados sereis quando, por minha causa, vos insultarem, vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós. Alegrai-vos e exultai, porque é grande nos Céus a vossa recompensa. Pois assim perseguiram os profetas que vos precederam».

Em Mateus, Jesus aparece como o novo Moisés que do alto do monte dá a nova Lei. Sendo o Filho, só Ele conhece o Pai e só Ele sabe o que o Pai tinha em mente quando, no Sinai, deu a Lei por meio de Moisés. Ele é, pois, o único que pode ensinar o que agrada ao Pai (cf. Mt 11,27). Por isso, tal como a Lei de Moisés (a Torah) se compõe dos cinco primeiros livros da Bíblia (o Pentateuco), também, em Mateus, Jesus apresenta a nova Lei em cinco grandes discursos: Mt 5-3; 10; 13; 18; 24-25. O presente texto abre o discurso inaugural, o “Sermão da montanha” (Mt 5-7), onde Jesus apresenta o Reino e a sua “Constituição”.

Mateus começa por referir que Jesus subiu ao monte (v. 1; Lc 6,17, ao invés, fala de uma planície). Note-se que a referência ao monte, onde Jesus começa a “ensinar” os seus “discípulos” que dele “se aproximaram”, repete-se no final do Evangelho, com o “monte” da Galileia indicado por Jesus, onde Ele, ressuscitado, “se aproxima” dos Onze e os envia por toda a terra a fazer “discípulos” e a “ensiná-los” (Mt 28,16.19s), retomando assim a

missão e pregação de Jesus. Na Sagrada Escritura “o monte” é o lugar do encontro com Deus e da revelação de Deus.

Jesus é o enviado de Deus, maior que Moisés e Josué, que liberta a humanidade da escravidão do pecado e da morte, e lhe mostra, logo no início, a partir do monte da sua Palavra, a verdadeira Terra prometida onde a vai introduzir e apascentar: o Reino de Deus. Por último, Jesus é apresentado como a sabedoria de Deus encarnada que, “abrindo a boca, ensina” (v. 2; cf. Sir 15,5). Jesus é, de facto, a plenitude de todo o Antigo Testamento.

As bem-aventuranças são, pois, as oito janelas através das quais Jesus, logo no início, mostra o Reino dos céus; são também as oito portas para nele entrar e as oito vias para nele caminhar. São o céu na terra, o modo como o Reino dos céus se torna presente entre nós, o modo como se dá, o único modo para o receber, nele entrar e nele viver; o ver, construir e saborear já aqui na terra. E não há outro: para se entrar no Reino e dele fazer parte é necessário identificar-se com alguma destas categorias; para nele caminhar, só percorrendo algum destes caminhos. As bem-aventuranças incluem toda a caminhada dos discípulos, desde o princípio até à perfeição final. Cada um, a princípio, vive mais uma ou outra bem-aventurança. Mas só se amadurece na vida cristã à medida que as vai percorrendo até que as viva todas.

Por isso, apesar de enunciar nove bem-aventuranças, elas são na realidade oito. Trata-se de um processo sapiencial em que embora se tenham anunciado nove coisas, depois se só se enunciam oito, acrescentando uma última, a nona, que as inclui todas (cf. Sir 25,7-11). Oito é o número cristão, que, em vez dos sete (7) judaicos (a perfeição), indica o dia que se segue ao tempo (7 dias da semana+1), o dia que jamais terá fim e que a todos engloba, ou seja, a eternidade. As bem-aventuranças são, pois, a visão e a vivência da eternidade já aqui na terra. É como que o transbordar da plenitude. Quem, de entre nós, não deseja viver uma vida sadia? A sua prática é explicitada pelo próprio Jesus no Sermão da Montanha e, em especial, no mandamento do amor (*Mt 22,37-40*).

Questões para diálogo:

- a) O que entendo por Reino de Deus? Como é que ele se manifesta?
- b) Quais das oito bem-aventuranças será mais necessária e urgente hoje em dia?
- c) Numa sociedade, em que o egoísmo é a tónica reinante, o que fazer para socorrer os mais necessitados?
- d) Como crentes, qual deve ser a minha/nossa atitude perante as guerras que assolam o nosso mundo? Causa de tantas mortes inocentes, de tantos refugiados, de tantos desalojados, etc.?

Amor a Deus e amor ao próximo

Na realidade, as bem-aventuranças formam quatro pares, em que uma das partes mais tem a ver com o amor de Deus e, a outra, com o amor ao próximo, estando as partes inter-relacionados, fazendo-nos progredir assim, passo a passo, na santidade. *Diz-nos a primeira carta de São João, 4-20*; Se alguém disser: «Eu amo a Deus», mas odiar a seu irmão, é mentiroso pois quem não ama a seu irmão, que vê, como pode amar a Deus, que não vê? D´Ele, temos este mandamento: Quem ama a Deus, ame também o seu irmão.

O Primeiro mandamento e o último

Aproximou-se d´Ele um escriba que os tinha ouvido discutir e, vendo que Jesus lhes tinha respondido bem, perguntou-Lhe: «Qual é o primeiro de todos os mandamentos?» Jesus respondeu: «O primeiro é: Ouve, Israel: O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor, amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças. O segundo é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior que este». O escriba disse-Lhe: “muito bem, Mestre, com razão disseste que Ele é o único e que não existe outro além d´Ele; e que amá-Lo com todo o coração, com todo o entendi-

mento e com todas as forças, e amar o próximo como a si mesmo vale mais do que todos os holocaustos e todos os sacrifícios». Vendo Jesus que ele respondera sabiamente, disse-lhe: «Não estás longe do reino de Deus» (Mc 12,28-34).

4. O Reino de Deus já está no meio de nós e dentro de nós

O Reino de Deus é Jesus Cristo vivo e ressuscitado. Esse Jesus que se encarnou no seio virginal de Maria de Nazaré. «O reino dos céus é comparável a um rei que preparou um banquete nupcial para seu filho. Mandou os servos chamar os convidados para as bodas, mas eles não quiseram comparecer» (Mt 1,2-3). Nós também, muitas vezes, somos convidados a participar na alegria do banquete do Senhor, a Eucaristia, e não fazemos caso, pois desculpamo-nos, temos muito que fazer. Amar a Deus e aos irmãos. E é a vivência deste mandamento que preocupa o escriba neste Evangelho. Mas uma coisa é certa, qualquer que tenha sido a intenção do escriba ao interrogar Jesus sobre qual é o primeiro de todos os mandamentos, devemos estar-lhe gratos.

De facto, deu ao Senhor a oportunidade de dar uma resposta que nos interessa, que interessa a todos quantos desejam compreender bem a vontade do Senhor, para a cumprirmos fielmente. A resposta de Jesus foi muito simples: o maior dos mandamentos é o amor. Deus é amor, e pede-nos amor: «amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças. Amarás o teu próximo como a ti mesmo». Amando com o amor com que Ele nos ama, participamos da sua vida. E amar o próximo como Ele e por causa d'Ele, com o amor com que somos amados, além de ser um desafio é, também, uma verdadeira alegria, é a suprema realização.

Amando deste jeito, testemunhamos que o Reino de Deus está em nós e dentro de nós. Vivemos em paz, connosco, com os outros e com toda a

criação. «Em verdade vos digo que se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino do Céu» (Mt 18,3). A criança é apresentada por Jesus como modelo de ingresso no Reino de Deus porque não é pretensiosa, nem tendenciosa; brinca com todos e procura ser verdadeira.

Também os milagres de Jesus comprovam que já chegou à terra o Reino: «Se lanço fora os demónios com o poder de Deus, é que chegou a vós o Reino de Deus» (Lc 11,20; cfr. Mt 12,18). Mas este Reino manifesta-se sobretudo na própria pessoa de Cristo, Filho de Deus e Filho do homem, que veio para servir e dar a vida em resgate por todos (Mc 10,45).

Vendo isto, Jesus indignou-Se e disse-lhes: «Deixai vir a Mim as criancinhas, não as afasteis, pois a elas pertence o reino de Deus. E continuou; Em verdade vos digo: Quem não receber o reino de Deus como uma criancinha, não entrará nele». (Mc 10,14-15). Outras passagens do evangelho se vêm juntar a estas. Procurai antes o Seu reino, e o resto ser-vos-á dado por acréscimo. E ainda: Não temas, pequenino rebanho, porque aprove ao vosso Pai dar-vos o Reino. (Lc 12,31-32). «O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. É a menor de todas as sementes; mas, depois de crescer, torna-se a maior planta do horto e transforma-se numa árvore» (Mt 13,31-32).

5. A Igreja ao serviço do Reino

O mistério da santa Igreja manifesta-se na sua fundação. O Senhor Jesus deu início à Sua Igreja pregando a boa nova do advento do Reino de Deus prometido desde há séculos nas Escrituras: «Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo» (Mc 1,15).

É a missão da Igreja anunciar o Reino de Deus. “Nem todo o que diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos Céus, mas sim aquele que faz a vontade de Meu Pai que está nos Céus” (Mt 7, 21). Fala-se em “entrar no reino de

Deus”, na vida, na alegria, de modo que “palavras semelhantes perpassam todos os evangelhos”. Na Páscoa, a expressão futura do reino é ainda mais marcante: enquanto estava com eles à mesa, Jesus disse: digo-vos que nunca mais comerei, até que se cumpra o reino de Deus. Tomando uma taça, deu graças e disse: Tomai e reparti entre vós, pois digo-vos que não tornarei a beber do fruto da videira até chegar o reino de Deus (Lc 22,16-18).

O reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo (Mt 25,1). Já sabemos o relato todo de cor. Este reino requer vigilância e prudência. Devemos estar alerta e preparados pois não sabemos bem a hora da chamada para participarmos na festa. A missão da Igreja, que é a nossa missão, é anunciar. A Igreja passou a ser entendida como aquela que torna o reino de Deus presente no mundo. Mais ainda, como aquela que visualiza, em si mesma, o reino de Deus. Ouvimos, no Evangelho deste domingo, que é dever de cada cristão estar vigilante, porque não sabe a hora a que chega o seu Senhor. A fé não é para ser partilhada, mas testemunhada. Por isso, as cinco virgens prudentes não partilharam do seu azeite com as cinco que não levaram azeite consigo.

6. Os pobres, os destinatários prediletos do Reino

Os sem teto, sem pão, sem educação, sem saúde, sem amigos... são os preferidos de Deus, os bem-aventurados que a nossa sociedade não entende. Analisemos um caso que acontece com muita frequência na nossa sociedade e, algumas vezes, bem perto de nós.

“O José é um português do norte e trabalha na construção civil. Depois do divórcio sai de casa e resolve tentar a sua sorte em Lisboa. Deixa para trás dois filhos. Mas, na capital, não consegue arranjar trabalho. Rapidamente o dinheiro que tem termina e o José vai dormir na rua. Na primeira noite, dorme junto à estação de comboios de Santa Apolónia. Tem apenas a roupa do corpo e uma mochila com os poucos pertences que possui. Nessa noite,

não dorme, apesar das outras pessoas em situação de sem-abrigo até o receberem bem e lhe darem mantas para que não passasse frio. Começa a arrumar carros e a conseguir algum dinheiro para se alimentar, mas, também, para beber. Cai na dependência do álcool e, muitas vezes, não se lembra do passar dos dias. Pernoita naquele local durante seis anos. Todas as noites passam equipas de voluntários da Comunidade Vida e Paz que, para além de uma ceia, conversam com o José e as restantes pessoas. Numa noite de sábado, o José confia à equipa com quem tem mais ligação, que quer sair da rua, deixar o álcool e voltar a recuperar o sentido da sua vida. Assim acontece. Após um ano e meio de tratamento e recuperação, já tem a sua casa e trabalha na construção civil. Hoje, é voluntário da Comunidade Vida e Paz, da equipa que fez a diferença no seu percurso de vida. Hoje, o José tenta ajudar aqueles que foram seus “colegas” de rua”.

Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia. É colocar-se, na pele do outro. Vai tu e faz o mesmo. “Um doutor da lei pergunta a Jesus o que deveria fazer para herdar a vida eterna”. Jesus responde que era preciso amar a Deus e amar o próximo. Ao questionar quem era o “próximo” Jesus respondeu dando o exemplo de três homens que passaram por um outro que fora espancado. Dois deles com cargos de sacerdotes passaram pela vítima sem prestar socorro, mas o terceiro, um samaritano, um estrangeiro, cuidou dele, levou-o para uma estalagem para que cuidassem dele e antes de partir, pagou toda a despesa (Lc 10, 25-37). O doutor da lei chegou á conclusão de que ele teria de fazer o mesmo para herdar a vida eterna.

O mundo em que vivemos faz-nos acreditar, muitas vezes, que os prazeres que proporciona constituem a felicidade dos que nele vivem. Mas é fácil concluir que a verdadeira felicidade não pode residir aí. Entre as soluções fáceis e as logísticas cómodas de se viver a fé, a felicidade não pode residir aí. No confinamento do nosso eu, isolando-nos daqueles que necessitam de nós e sofrem ao nosso lado, seja por questões materiais ou espirituais, a felicidade não pode residir aí. Naqueles que creem vencer tudo com a violência, vitimizando os inocentes com projetos bélicos e plenos de usura,

também não encontram aí a felicidade.

Felizes e beatos são os que têm pureza de coração e espírito contrito. Por isso, olham para Deus como para o mais íntimo amigo. Felizes os que choram aqui, sofrendo perseguições, sendo humilhados, sendo ridicularizados, pois esses sentar-se-ão no colo de Deus e serão por Ele consolados. (Livro despertar para a Fé, pg. 119-120).

7. O espírito das Bem-Aventuranças

As bem-aventuranças estão no coração da pregação de Jesus. O seu anúncio retorna as promessas feitas ao povo eleito, desde Abraão. A pregação de Jesus completa-as, ordenando-as, não já somente com vista à felicidade resultante da posse dum tema, mas com vista ao Reino dos céus...

As bem-aventuranças retomam e aperfeiçoam as promessas de Deus, desde Abrão, ordenando-as para o Reino dos céus. Correspondem ao desejo de felicidade que Deus colocou no coração de todos os seres humanos sobre a terra. Elas ensinam-nos qual o fim último a que Deus nos chama: o Reino, a visão de Deus, a participação na natureza divina, a vida eterna, a filiação, o repouso de Deus (cf. CIC n. 1726).

A pregação de Jesus era fundamentalmente o anúncio do reino de Deus. Suas exortações, parábolas, profecias e mesmo as bem-aventuranças eram centradas no Reino de Deus e para ele direcionadas, buscando explicá-lo, anunciá-lo e, mesmo, realizá-lo no mundo. Cabe aos cristãos, uma vez que se declaram seguidores de Jesus, buscarem compreender o Reino na pregação de Jesus a fim de que o seu ministério tenha continuidade em plena integridade, de modo que seja, de facto, o corpo de Jesus Cristo junto dos homens. A pregação cristã, portanto, deve incorporar a pregação de Jesus do Reino de Deus. Toda a ação pastoral de Jesus foi marcada por uma proximidade com os que sofrem, foi marcada por uma escolha fundamental pelos sofredores e abandonados. Cristo fazia-se presente, era próximo, era

consolador e consolava, anunciando o Reino, consolava amando, consolava perdoadando (*Pe. Luiz Junior; em Misericordiar*).

“Quantas vezes somos humilhados pelas nossas faltas sem medirmos o mal que causamos a Deus e ao próximo! O amor é que revela o pecado; quanto mais sentimos o amor de Deus por nós, mais o mínimo desrespeito por Ele se torna insuportável. Então, compreendemos a felicidade de receber o perdão d’Aquele que nos ama e a quem nós também amamos”.

«Feliz aquele que encontrou a prudência e aquele que fala a quem o escuta!» esta é a bem-aventurança completa segundo o Eclesiástico. Aquele que é prudente atrai a confiança. «Concede-me, Deus misericordioso, que deseje com ardor o que Tu aprovas, que o procure com prudência, que o reconheça em verdade, que o cumpra na perfeição, para louvor e glória do teu nome.» (*São Tomás de Aquino*).

O dever feliz de ser misericordioso. A Bem-aventurança da Misericórdia. As palavras de Jesus são de grande radicalidade, sem concessões fáceis. São proclamados felizes não os ricos e poderosos, os dominadores e de vida fácil, os que vivem no luxo e na luxúria. O programa original de Jesus é que Ele proclama que a felicidade passa pela cruz da pobreza e das lágrimas, pelo amor puro e misericordioso, pela ascese de construir a paz e o bem, mesmo se alguém for perseguido por causa da justiça, como nos relata as bem-aventuranças. (Manuel Morujão, s.j., *Celebrar e praticar a misericórdia*).

8. Momento de Oração e compromisso

Em forma de ladainha...

«*Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos céus.*

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.

Bem-aventurados os que promovem a paz,
porque serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça,
porque deles é o Reino dos céus.

Bem-aventurados sereis, quando, por minha causa, vos insultarem, vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal de vós.

Alegrai-vos e exultai, pois é grande nos céus a vossa recompensa» (Mt 5, 3-12).

Pai Nosso...

Oração

Senhor Jesus,

Não permitais que os nossos actos nos ceguem e que não nos impeçam de Te ver no próximo.

Ajuda-nos a estar presente para os famintos, os que não têm abrigo e não têm auxílio na família. Aumenta a nossa fé, não deixes que sejamos egoístas e dá-nos força para sermos melhores para o outro e mais dispostos a ajudar quem precisa de nós.

Compromisso:

Com tudo o que reflectimos, partilhamos e vivemos neste encontro, vamos cada um de nós, parar 1 minuto e pensar, o que posso fazer no meu dia-a-dia, para que das bem-aventuranças do Reino de Deus, transforma a minha vida. E, assim, possa transformar a vida daqueles que me rodeia!

Termina com um cântico

TEMA 4 - EM JESUS, ENCONTRAMOS E DESCOBRIMOS O SER HUMANO

1. Acolhimento / Cântico: Algum sobre a figura de Jesus Cristo....

Um conhecido teólogo brasileiro definiu assim Jesus Cristo: «Assim tão humano, só pode ser o próprio Deus!» (L. Boff, *Jesus Cristo Libertador*). No Seu plano misterioso, Deus revela-se como ser humano em Jesus Cristo. As pessoas, a partir da humanidade de Jesus, começaram a perceber a sua divindade.

2. Habitar o sentido do humano

O ser humano é uma realidade complexa: apresenta-se numa visualidade, mas permanece unida a uma interioridade. O crente afirma que este mistério radica na sua 'imagem e semelhança' com o Criador. Uma visão mais ampla considera a vida como um enigma a decifrar e um mistério a desvendar.

A Igreja, considerando a humanidade de Jesus, sem excluir a divindade, sempre apostou num lema fundamental: "Nada do que é humano nos é alheio!" ("Carta Pastoral sobre as Perspetivas Cristãs da Reconstrução da Vida Nacional", 14 de março de 1979, CEP, 1978-1982, p. 70-101). É um extenso documento de trinta e uma páginas, onde os Bispos procuram situar a sua posição sobre determinados acontecimentos sociopolíticos do seu tempo, com um intuito estritamente evangelizador).

Questões para diálogo:

- a) Que tipo de respostas é que as ciências apresentam para o ser humano?
- b) Como é abordado o tema?
- c) Que tipo de respostas as religiões apresentam para o ser humano?

3. Iluminação:

Mateus, 25, 31-46. Este texto não procura responder às inquietações do fim do mundo, do julgamento final, ou à curiosidade de como será o encontro com o Criador. Mais acertado será dizer que procura responder às questões de baixo, da radicalidade da condição humana, que deverá ser marcada, indelevelmente, pela dimensão da caridade. Mas uma caridade desinteressada – num puro ato de fazer o bem que há a fazer. Não uma caridade ‘disfarçada’ de egoísmos, por mais nobres que sejam: faço um bem para me fazer sentir melhor! Ajudo o outro que ele vai reconhecer a minha bondade! Pratico obras de bem, porque me tranquilizam a mente e me fazem sentir útil!

Este texto diz-nos isso mesmo: os que estavam ao lado do ‘rei’ fizeram o bem e praticaram obras de misericórdia, sem terem o conhecimento e a consciência de que o estavam a fazer ao próprio ‘rei’. A caridade deve ser realizada sem qualquer intencionalidade, nem mesmo de agradecer a Deus. Isto acontece automaticamente, mesmo sem que esse sentimento seja o ‘motor’ do nosso agir. O bem que se faz é aquele que deve ser feito, na circunstância e na oportunidade que surge, não tem que ser ‘muito programada’. ‘Não sabíamos que o estávamos a fazer a ti’, responderam eles. Jesus dirá isso de outra forma: «Quem receber uma criança, em meu nome, é a mim que recebe.» (Mt 18, 5). O autor da Carta aos Hebreus traduz a hospitalidade de forma magistral: «Não vos esqueçais de praticar a hospitalidade; pois agindo assim, mesmo sem perceber, alguns acolheram anjos.» (Heb 13, 2).

4. Os exemplos concretos de colocar em prática o exercício do bem e da caridade não necessita de muita programação. A realidade está diante dos nossos olhos! Basta ‘ver’ e agir em conformidade os conselhos que derivam do Evangelho. A misericórdia não exige ‘programa’, ela desafia-nos e proporciona-se em muitas circunstâncias.

Questões para diálogo:

- a) Como é que as pessoas, de forma, geral, prestam um serviço ou exercem a caridade?
- b) Como se pode construir e restaurar o ser humano a partir da prática das 'obras de misericórdia'?
- c) Com que é que os crentes vivem mais preocupados: com as realidades 'últimas' ou com as 'penúltimas'?

5. Momento de oração

Pode proporcionar-se um momento de oração mais formal, com um poema sobre a misericórdia e que possa ser 'motor' do dinamismo da caridade. O compromisso está, em semente, no início do tema, iluminado pela palavra e feito consciente na reflexão sobre o texto bíblico.

TEMA 5 – A PROVA DE AMOR DE JESUS: MORTE E RESSURREIÇÃO

1. Acolhimento / Cântico: Cristo Ontem, Cristo Hoje (proposta)

Neste momento seria importante a partilha de alguns momentos dolorosos por algumas pessoas, nomeadamente a forma como viveram e enfrentaram uma situação de luto por um ente querido.

2. Amor e solidariedade

Leitura do Texto Bíblico: Mt 9, 18-19.23-25

Enquanto Jesus lhes dizia estas coisas, aproximou-se um chefe que se prostrou diante dele e disse: «Minha filha acaba de morrer, mas vem impor-lhe a tua mão e viverá.» Jesus, levantando-se, seguiu-o com os discípulos. Quando chegou a casa do chefe, vendo os flautistas e a multidão em grande alarido, disse: «Retirai-vos, porque a menina não está morta: dorme.» Mas riam-se dele. Retirada a multidão, Jesus entrou, tomou a mão da menina e ela ergueu-se.

O ser humano vive num ambiente distópico, isto é, uma vida que não é controlável pois é marcada pelas mais diversas dificuldades. As dores e dificuldades fazem parte da vida e não podem ser colocadas de parte. A parte essencial na descoberta tem de ser a busca de pontos comuns.

Na realidade do luto e da dor não existem ilhas, todos acabam por viver essa sensação de vazio e de desespero. Importa que se construa o sentimento de comunhão com aquele que vive a dor e o vazio na primeira pessoa, assumindo aquilo que nos diz Cristo ao afirmar que sempre que se faz algo a um dos seus irmãos mais pequeninos é a Ele que se faz (Cf. Mt 25, 40). Deste modo, quando se assume a realidade salvífica de Cristo, isto é, quando se reconhece que Jesus é o Salvador do mundo e o meu Salvador, vive-se a realidade de um Deus que se oferece uma nova oportunidade no meio da morte e da desilusão. O cristão é chamado continuamente a redescobrir o amor de Deus.

Cada um é chamado a aprofundar a realidade daquilo que é, nomeadamente, a condição de redimido e de comunhão plena com Cristo. Isto não é o esquecimento da condição pecadora do ser humano, mas a assunção dessa realidade com o olhar e a certeza do amor divino. Este é o caminho vivido com Cristo, percebendo-se a importância da compaixão como atitude fundamental da vida cristã. A base da fé cristã não pode ser nunca a busca de paz interior, tal como se pode ver nas chamadas espiritualidades *new age*, paz essa que nunca será alcançada, mas a busca da transformação do coração, pela qual o indivíduo se abre à realidade de Deus e do outro como concomitantes.

Questões para diálogo:

Sinto a dor do outro como minha?

O que significa a palavra “compaixão”?

Qual a minha postura na realidade de quem vive o luto?

3. Em Cristo encontra-se uma morte salvadora

Leitura o texto bíblico: Mc 8, 27-36

Jesus partiu com os discípulos para as aldeias de Cesareia de Filipe. No caminho, fez aos discípulos esta pergunta: «Quem dizem os homens que Eu sou?» Disseram-lhe: «João Baptista; outros, Elias; e outros, que és um dos profetas.» «E vós, quem dizeis que Eu sou?» - perguntou-lhes. Pedro tomou a palavra, e disse: «Tu és o Messias.» Ordenou-lhes, então, que não dissessem isto a ninguém. Começou, depois, a ensinar-lhes que o Filho do Homem tinha de sofrer muito e ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos doutores da Lei, e ser morto e ressuscitar depois de três dias. E dizia claramente estas coisas. Pedro, desviando-se com Ele um pouco, começou a repreendê-lo. Mas Jesus, voltando-se e olhando para os discípulos, repreendeu Pedro, dizendo-lhe: «Vai-te da minha frente, Satanás, porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens.» Chamando a si a multidão, juntamente com os discípulos, disse-lhes: «Se alguém quiser vir

após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Na verdade, quem quiser salvar a sua vida, há-de perdê-la; mas, quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, há-de salvá-la. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida?

Quem é Jesus? É esta a pergunta que Jesus faz e que somos chamados a refletir e responder. Jesus resgata-nos da nossa ilusão, resgata-nos de nós próprios, dos nossos pecados. Jesus é o Messias, é o Salvador, por isso tem de assumir não apenas o Amor, mas também a dor. Ser Filho de Deus, ser o Messias, não ser um rei que entrega os seus súbditos à morte para alcançar a vitória. Pelo contrário, Jesus é um Rei que assume sobre si a Cruz de todos os pecados e nos mostra como podemos amar sem limites. Se queremos ser como Jesus Cristo, temos de fazer o que ele nos pede: seguir os seus passos! Assumir a Cruz, isto é, assumir as dificuldades da vida, assumir que temos de “abrir mão” de muitas coisas deste mundo, para alcançar a Vida Eterna, para vencermos a morte.

Temos então de ter esta solidariedade que nos liberta deste mundo. Queremos muito fazer algo que nos dá prazer, mas perante a necessidade de ajudarmos alguém, deixamos de lado o que queríamos fazer para servirmos, para amarmos. É nesta entrega, neste assumir o sacrifício, deixando de lado a alegria passageira, que encontramos a verdadeira felicidade, em que mesmo com um maior sacrifício e esforço, sentimos todo o amor de quem nós ajudamos. Mais uma vez, ser cristão é imitar os passos de Cristo, imitar nesta entrega, neste serviço, nesta prontidão para amar. E é esta alegria profunda que sentimos que somos verdadeiramente livres e nessa liberdade escolhemos amar o nosso próximo: dar a nossa vida, o nosso tempo, o nosso amor.

O cristão deve encarar de frente a Paixão de Cristo, sem rodeios ou sem subterfúgios. A morte de Jesus é redentora não só na realidade transcendente e salvífica, mas também na realidade de que a dor existe e deve ser vivida com um sentido. Celebrar Cristo como Salvador é percecionar e aplicar na vida a fé e a certeza de que Ele preenche o que falta ao ser humano e sem

a Sua pessoa torna-se improvável a descoberta do sentido profundo da existência humana.

Deste modo, as dores, as saudades, as dificuldades, as derrotas, o luto, tudo o que é negativo na vida e do qual não se pode viver a alienação encontra um novo sentido em Cristo e na Sua Cruz, porque o fim não é aquele que contemplamos no nosso olhar e nos nossos sentidos, mas aquele que se vive e contempla a partir do coração, da plena comunhão com Deus.

Questões para diálogo:

- a) Qual o significado da Cruz da minha vida?
- b) A Cruz é um objeto ou uma lição?
- c) A dor de Jesus e as minhas dores têm sentido?

4. O amor de Deus é maior do que o nosso pecado

Leitura do texto bíblico: Lc 15, 11-32

Disse ainda: «Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao pai: ‘Pai, dá-me a parte dos bens que me corresponde.’ E o pai repartiu os bens entre os dois. Poucos dias depois, o filho mais novo, juntando tudo, partiu para uma terra longínqua e por lá esbanjou tudo quanto possuía, numa vida desregrada. Depois de gastar tudo, houve grande fome nesse país e ele começou a passar privações. Então, foi colocar-se ao serviço de um dos habitantes daquela terra, o qual o mandou para os seus campos guardar porcos. Bem desejava ele encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. E, caindo em si, disse: ‘Quantos jornaleiros de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome! Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e vou dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros.’ E, levantando-se, foi ter com o pai. Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos. O filho disse-lhe: ‘Pai, pequei contra o

Céu e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho.’ Mas o pai disse aos seus servos: ‘Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha; dai-lhe um anel para o dedo e sandálias para os pés. Trazei o vitelo gordo e matai-o; vamos fazer um banquete e alegrar-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado.’ E a festa principiou. Ora, o filho mais velho estava no campo. Quando regressou, ao aproximar-se de casa ouviu a música e as danças. Chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo. Disse-lhe ele: ‘O teu irmão voltou e o teu pai matou o vitelo gordo, porque chegou são e salvo.’ Encolerizado, não queria entrar; mas o seu pai, saindo, suplicava-lhe que entrasse. Respondendo ao pai, disse-lhe: ‘Há já tantos anos que te sirvo sem nunca transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos; e agora, ao chegar esse teu filho, que gastou os teus bens com meretrizes, mataste-lhe o vitelo gordo.’ O pai respondeu-lhe: ‘Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado.’»

Esta parábola fala-nos da atitude como Deus nos ama: infinitamente. A sua misericórdia é sempre maior do que o nosso pecado. E por isso que, enquanto cristãos, vivemos a esperança da Vida Eterna, de sermos dignos de alcançar a santidade. Mas para isso, temos de procurar viver em comunhão com Deus.

O mundo de hoje, com a perda da identidade cristã, perdeu o conceito de pecado como corte da relação do ser humano com Deus e com o outro. Acompanhando a perda de noção de pecado, perdeu-se a noção da misericórdia e do seu lugar na vida do ser humano.

O conceito de pecado não tem em si mesmo uma noção negativa e de peso para o ser humano, já que é uma realidade “natural”. No entanto, não pode ser colocado em segundo plano, como se não existisse. O pecado existe e podem-se ver naturalmente as suas consequências na vida do ser humano e é a partir deste ponto que se pode viver a realidade para que se descubra a maior de todas as graças: a misericórdia de Deus. Os cristãos acreditam que

caminham para a vida eterna, para a ressurreição dos mortos, não por ser melhores do que os não cristãos ou isentos de pecados, como comunidade de santos no meio do mundo, mas porque se reconhecem amados e sabem que no meio dos pecados, que devem ser combatidos constantemente, encontram força na misericórdia divina.

Deste modo, podemos concluir com as seguintes palavras do Compêndio do Catecismo da Igreja Católica no seu art.º 73: «O pecado está presente na história do homem. Tal realidade só se esclarece plenamente à luz da Revelação divina, e sobretudo à luz de Cristo Salvador universal, que fez superabundar a graça onde abundou o pecado.»

Questões para diálogo:

- a) *Como encaro o Sacramento da Reconciliação?*
- b) *Sinto-me verdadeiramente amado/a?*
- c) *Tenho vontade de crescer e melhorar alguns aspetos da vida?*

5. A mensagem e a importância da Páscoa

«Quando eu estava no secundário, um dos meus livros favoritos era *Systematic Theology* de Louis Berkhof, um teólogo reformado holandês. Como a maioria dos livros que eu lia nessa altura, este abordava a Ressurreição de Jesus Cristo em duas ou três páginas. Apesar disso, não falava do que a Ressurreição tinha que ver com a nossa salvação. Apenas discutia a Ressurreição de um ponto de vista apologético. Focava-se em apresentar a Ressurreição como um facto histórico - que a pedra tinha sido afastada, o túmulo estava vazio e o corpo tinha-se levantado de novo. Mas por que razão algo disso teria importância? Essa resposta não era tida em conta.

Continuei a pensar na Ressurreição nesses termos - como um facto histórico que precisa ser provado - durante algum tempo. Mas depois de ler os Padres da Igreja, comecei a ver que havia muito mais na Ressurreição. Compreendi que, de certa forma, para os primeiros Apóstolos e evangelis-

tas a Ressurreição não era apenas importante, era tudo o que importava. Foi sobre a Ressurreição, mais do que qualquer outra coisa, que eles pregaram e escreveram. A Ressurreição - não o sermão de Jesus na montanha ou as suas conversas com os fariseus - foi o que eles proclamaram.» (S. HAHN, Espero Morrer, Paulus, pág. 63)

Partindo destas palavras de Scott Hahn poderemos recordar a realidade da Ressurreição como elemento fundamental na vida do cristão. Mas aqui não tanto a partir da realidade da Ressurreição de Jesus Cristo, do facto histórico e transcendental ocorrido em Jerusalém há dois mil anos, mas a plena comunhão com o Senhor na realidade da morte e da vida eterna.

De recordar que S. Hahn é um católico convertido, oriundo de uma família protestante e é nessa comunhão que vive a descoberta da pessoa de Jesus Cristo, fazendo estudos teológicos e o ministério de pastor e é no aprofundamento da sua fé e da realidade de Cristo Jesus Salvador que se abre à realidade da Igreja Católica a abraça-a pela conversão.

Mais do que o relato da sua conversão, importa ver como ele coloca a ênfase da ressurreição dos mortos como algo essencial na relação com Cristo. Ser cristão não entra no campo de viver uma doutrina ou um conjunto de ideologias políticas e sociais, mas de viver uma vida de comunhão plena em ordem a uma realidade superior, transcendental. Deste modo, a Ressurreição de Cristo é a fonte de toda a vida cristã, uma realidade que não pode ser somente central no que se proclama no Credo, mas também na vida do crente.

Voltemo-nos uma vez para o Compêndio do Catecismo da Igreja Católica que afirma o seguinte no art.º 112: «O Mistério pascal de Jesus, que compreende a sua paixão, morte, ressurreição e glorificação, está no centro da fé cristã, porque o desígnio salvífico de Deus se realizou uma vez por todas com a morte redentora do seu Filho, Jesus Cristo.» Ou ainda o art.º 126: «A Ressurreição de Jesus é a verdade culminante da nossa fé em Cristo e representa, com a Cruz, uma parte essencial do Mistério pascal.»

A comunidade cristã deverá crescer na noção de que se reúne não para apenas conhecer Jesus, mas para O viver e se alimentar Dele, porque Ele se faz presente na vida de cada um e se assume como o centro de todo. Apenas se pode encarar a dor e o vazio se se reconhecer Jesus como Salvador, não apenas Aquele por quem vem a redenção e a plena comunhão com Deus, mas também como Aquele que se assume como o motor de toda a existência na plena comunhão. De nada adiantam as ideias de Jesus, se Ele não se fizer presente no coração de cada crente e, deste modo, assumindo-se como o motor de uma conversão permanente do coração na busca da santidade e do Reino de Deus.

Questões para diálogo:

- a) *O que significa a Páscoa?*
- b) *Qual a importância do Tríduo Pascal na vida da comunidade?*
- c) *Para que é que se vai à Eucaristia em cada Domingo?*

6. Importância da Ressurreição para hoje numa dinâmica de processo e transformação cristã

«Olhando para os três anos de pregação pública de Jesus, é fácil confundir a floresta com as árvores e pensar que o objetivo do seu ensinamento era dar à Humanidade um código de conduta, um modo de viver no mundo. E Jesus realmente dê-nos isso [...] O objetivo de Deus ao dar-nos esses ensinamentos não foi para criar algum tipo de paraíso terreno. Nem a nossa recompensa por atacá-los consistia no privilégio de viver uma vida terrena agradável e confortável. O objetivo de tudo era o Céu. Era a vida eterna. Era nossa ressurreição. (S. HAHN, Espero Morrer, Paulus, pág. 67-68)

A sociedade contemporânea está impregnada de muitas espiritualidades que poderemos chamar de *New Age*. Esta mentalidade está de tal forma disseminada que se pode ver a importância da secção “esoterismo” vai ganhando nas várias livrarias e no topo de vendas que estes livros vão arrecadando.

À medida que as espiritualidades *new age* vão ganhando peso, denota-se que os cristãos vão perdendo a noção da natureza e do tesouro que é a sua fé cristã e o real valor, ou melhor dizendo o fundamental, valor da ressurreição para que se diz cristão e amigo de Jesus Cristo. Deparamo-nos com cristãos que vivem a sua “vida cristã” acreditando em realidades que nada têm a ver com a fé cristã ou com a noção antropológica cristã como a reencarnação ou realidades semelhantes a esta.

Deste modo, contemplemos a seguintes palavras de Ruiz de la Peña: «Para apreciar em justa medida o que reveste a ressurreição dos mortos no horizonte da fé cristã, bastará seguramente recordar algo que, de tão óbvio, corre o risco de ser esquecido: o início do nascimento dessa fé está marcado no dia da ressurreição de Jesus Cristo, e o Evangelho - “a boa notícia” -, no seu primitivo núcleo, não anunciou, ao fim de contas, outra coisa senão esta: que “Deus ressuscitou Jesus”.

Com tais antecedentes, não é estranho que quando o símbolo da fé se dispõe a formular conteúdos do futuro absoluto, trocando para isso o “creio” de artigos precedentes pelo “espero” do último artigo, o formulado seja, antes de tudo, “a ressurreição dos mortos”, que ressoa como eco amplificado daquele “ressuscitou de entre os mortos” com que culmina a secção cristológica do credo.» (J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *La Pascua de la creación*, BAC, Pág. 149)

Pretende-se com isto recordar o núcleo fundamental da fé cristã tem a sua origem não só na ressurreição de Jesus Cristo, isto é, no facto de se acreditar que Jesus Cristo venceu a morte e vive uma realidade totalmente transformada pelo amor de Deus Pais, mas também que cada cristão espera e vive com ânsia da plena comunhão com o Senhor. Celebrar a viver esta fé e esta esperança em Cristo Jesus não se trata de um olhar para a morte como encontro ou como passagem, mas de olhar para a vida de cada dia na busca de encontro e de conversão do coração.

Num mundo de vazio e de morte onde parece que tudo o que merece ser conquistado ou pelo qual vale a pena viver, torna-se fundamental redescobrir a visão cristã não só da morte, mas também da vida. Uma visão que

tenha em conta a necessária transformação em Cristo e a certeza de que se caminha com Ele e para Ele, não numa vida que se repita em níveis (ex. reencarnação) ou outras considerações mais gnósticas que cristãs, mas numa vida única e irrepetível.

Partindo desta visão cristã do mundo e da morte, é essencial que se encare a morte próprio e do outro como vazio, mas também como encontro e como Páscoa. Este não é um caminho que facilite ou erradique a dor, mas oferece um sentido que tem a sua origem em Cristo Jesus. Devemos terminar igualmente com as palavras do Compêndio do Catecismo da Igreja Católica no seu art.º 204: «Como Cristo verdadeiramente ressuscitou dos mortos e vive para sempre, assim Ele próprio nos ressuscitará a todos no último dia, como um corpo incorruptível: “os que tiverem feito o bem para uma ressurreição de vida, e os que tiverem feito o mal para uma ressurreição de condenação”.»

Questões para diálogo:

- a) Como encaro a minha morte?*
- b) Penso na morte como realidade que me afeta ou olho apenas na terceira pessoa?*
- c) Coloco Cristo nas dúvidas e angústias de cada dia?*

7. Pedagogia perante a experiência de perda e o luto

O cristão é aquele que segue Cristo: não apenas por aquilo que acredita, mas pelo que vive. E, portanto, somos chamados a viver segundo as ações de Jesus.

Quando uma família vive um processo de luto temos de procurar ter a mesma postura de Jesus: compadecermos-nos pelas pessoas em sofrimento e procurarmos ajudar (Cf. Mt 9, 18: Cura da filha de Jairo). Por vezes, queremos ajudar a família, mas não sabemos como fazê-lo. Jesus compadecia-se, escutava-os, fazia-se presente e rezava com eles.

Nos velórios por vezes vemos alguns erros que nos afastam do amor e solidariedade que são necessários nestes momentos, vejamos alguns deles: Dizer para a pessoa não chorar, porque tem de ser forte: Na verdade nós dizemos isto porque não queremos que aquela pessoa sofra, mas se ela não chorar, isso não irá diminuir o seu sofrimento, pelo contrário, pois não irá externalizar a sua dor, não irá exprimir as suas emoções e isso poderá prejudicar o seu processo de luto normativo. Então a única diferença será que, ao não vermos a pessoa chorar, não nos dói tanto, mas à pessoa vai doer na mesma, porque é normal que assim seja. É mesmo um momento de dor. Depois, o segundo erro desta frase que é tantas vezes repetida: “tens de ser forte”. A dor num processo de luto é muito grande e quando dizemos a alguém que ela tem que ser forte, transmite-lhe a ideia errada de que não está a saber lidar com a dor, que é fraca, que não é capaz... E tudo o que nós queremos é precisamente o contrário! Queremos que a pessoa sinta o nosso amor e solidariedade. O que fazer então? Imitar Jesus! Primeiro temos que escutar a dor daquela pessoa, pois não há nada que possamos dizer que possa ajudar verdadeiramente a superar aquela dor, mas se ouvirmos esse irmão em dor, já estamos a ajudar a aliviar a sua dor, pois já não estará sozinho. Jesus ouviu Jairo e dá-lhe o seu tempo, segue-o. Nestas situações de dor, de luto, é o melhor que nós podemos fazer: ouvir, estar ao lado dessa pessoa, dar-lhe verdadeiramente a nossa presença e o nosso amor/atenção.

Outra frase que ouvimos muito e que destrói completamente a solidariedade e a compaixão que temos que ter por estes irmãos em luto: “É a vida! Todos temos de morrer!” Esta frase procura ajudar as pessoas que estão a passar por um momento de dor, porque tenta retirar o peso da dor com a inevitabilidade da morte terrena. Mas não irá ajudar de nenhuma maneira. Primeiro porque transmite uma falta de solidariedade para com os nossos irmãos em dor: naquele momento ninguém quer saber do facto óbvio de que todos temos que morrer fisicamente, querem sim sentir conforto emocional e espiritual. Querem ter esperança de que a pessoa que morreu esteja em paz. Em segundo lugar, enquanto cristãos não podemos ficar apenas pela

normalidade da morte, mas sim procurarmos falar da esperança da Vida Eterna. É nesta esperança, que valoriza todo o amor que semeamos com as nossas ações, palavras e orações, que encontramos o caminho para anunciar a Ressurreição. Então não podemos ficar pelo chavão: “Todos temos que morrer”, mas cristianizar o modo como vemos a morte e darmos um conforto espiritual e emocional à pessoa em luto apontando a Ressurreição e a Vida. Lembrando que o fundamental será respeitar o tempo e o espaço da pessoa em dor: se precisar de silêncio, devemos respeitar esse tempo de que precisa.

Por fim, só mais outro exemplo do que não devemos dizer: “Eu sei o que isso é./Sei o que estás a sentir.” Na verdade, ninguém sabe! Porque a dor é pessoal e embora possamos ter episódios da vida semelhantes, não será igual. Dizer isto pode transmitir a ideia de que, mais uma vez, temos a solução para a dor daquela pessoa e, na verdade, nem temos nem é aquilo que a pessoa necessita. A pessoa em processo de luto está num sofrimento tão grande que não precisa de saber que tivemos uma história semelhante, ela precisa de saber que independentemente do momento de dor, não o vive sozinha, tem todos estes amigos e irmãos a fazer o papel de Jairo (que vai chamar Jesus para dar vida à filha). Também nós rezamos para que o irmão que partiu possa entrar na Vida Eterna, rezamos pelas pessoas em luto, família e amigos, a pedir que Deus alivie essa dor e os tranquilize com a Esperança da Ressurreição.

Resumindo:

Nestes momentos de dor, se queremos de facto ser sinais de amor e solidariedade não temos de falar muito, pelo contrário, escutar mais e manifestar a nossa compaixão pela nossa presença e amizade.

Não temos de querer ser a solução, temos de querer apenas estar ao lado da pessoa em luto e transmitir-lhe confiança, esperança e amor. Só assim seremos verdadeiramente solidários com a dor de quem sofre e só assim seremos seguidores dos passos de Cristo.

8 - A busca de sentido para vida terrena como caminho para a vida eterna...

A ressurreição alimenta e orienta a vida de cada dia, já que não é uma realidade meramente escatológica, atingindo simplesmente aí a sua plenitude. O ser humano não pode ficar preso à realidade do momento presente e à volatilidade de cada momento e é essencial que se busque o sentido da vida para se superar a dor e o vazio. Deste modo, será sempre essencial que o ser humano tem em conta o sentido da vida e a sua necessidade intrínseca como forma de encontro com o essencial da vida e de superação constante:

«A vida constitui de certo modo um dever, uma grande e única obrigação. E mais: existe certamente também alegria na vida - mas ela não pode ser almejada, não pode ser “querida” (*gewollt*) como alegria, pelo contrário, ela tem de surgir espontaneamente, e surge de facto espontaneamente tal como surge um efeito: a felicidade não deve, não pode nem consegue nunca ser um objetivo, mas apenas um resultado; resultado precisamente do cumprimento (*Erfüllung*) daquilo que no poema de Tagore se chama dever e que nós, mais à frente, iremos esforçar-nos por definir melhor. De qualquer forma, toda a busca da felicidade da pessoa humana está condenada a falhar na medida em que a felicidade só lhe pode cair no colo, deixando-se jamais “caçar”. Foi Kierkegaard que expressou a sábia parábola: A porta para a felicidade abre “para fora”, isto é, ela fecha-se justamente para aquele que, por assim dizer, a tenta forçar para dentro.

Um dia estavam sentadas à minha frente duas pessoas cansadas de viver - por coincidência em simultâneo -, um homem e uma mulher. Ambos tinham expressado textualmente que a sua vida não tinha sentido, porque “não esperavam nada dela”. Ambos tinham de certo modo razão. Contudo, verificou-se imediatamente que, pelo contrário, havia algo que esperava por ambos: pelo senhor, um trabalho científico que não estava concluído, e pela senhora, um filho ou uma filha, que naquele momento vivia longe e inacessível no estrangeiro. Agora impunha-se efetuar aquilo a que, com Kant, se poderia chamar de uma viragem “copernicana”, uma viragem de pensamento de 180 graus, de acordo com a qual a pergunta não pode ser: “O que posso eu ainda esperar da vida?”, mas sim: “O que espera a vida de mim?” Que tarefa na vida espera por mim?

Agora compreendemos também como, em última análise, a questão sobre o sentido da vida é colocada geralmente de forma incorreta: não devemos ser nós a questionar o sentido da vida - é a vida que coloca questões, que nos endereça perguntas -, nós somos os interrogados! Nós somos os que têm de responder, os que têm de responder à questão da vida que lhes é colocada constantemente, de hora a hora: às “questões vitais”. Viver em si nada mais é do que ser interrogado (*Befragt-sein*), todo o nosso ser nada mais é do que uma resposta - uma assunção da responsabilidade da vida. Com este ponto de vista mental, nada nos pode agora assustar, nenhum futuro, nenhuma aparente falta de um futuro. Pois agora o presente é tudo, pois ele contém a eterna questão da vida que nos é dirigida. Agora tudo depende do que em cada momento se espera de nós. Contudo, em relação ao que nos aguarda no futuro, precisamos de saber tão pouco quanto podemos saber. Neste contexto, costumo habitualmente contar a história que apareceu numa breve notícia de jornal: um negro condenado à prisão perpétua foi deportado para a Ilha do Diabo. Quando o navio, o *Leviatã*, se encontrava no alto mar deflagrou um incêndio. Naquela emergência, o prisioneiro foi libertado das suas correntes, tendo participado na operação de salvamento. Este senhor salvou a vida de 10 pessoas. Mais tarde, em consequência disso, o prisioneiro foi amnistiado. Eu pergunto: se tivesse, antes do embarque, isto é, no cais de Marselha, perguntado a este prisioneiro se a sua vida futura poderia ter algum sentido - ele teria obviamente abanado a cabeça: havia alguma coisa que estivesse ainda à espera dele? Mas nenhum de nós sabe o que está ainda à nossa espera, que grande momento, que oportunidade única para um ato sem igual está ainda à sua espera - tal como o salvamento de 10 pessoas estava à espera desse negro no navio *Leviatã*.» (V. E. FRANKL, Dizer sim à vida apesar de tudo, Pergaminho, pág. 33-35)

Partindo deste texto de Viktor E. Frankl, que deveria ser entregue a todos os participantes, termina-se com um momento de oração livre e espontânea pelo qual cada um coloca uma prece nas mãos do Senhor...

